

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

**Apoio Social e seus Processos Educativos em um grupo de
convivência de idosos.**

Ana Paula Ferreira Fidélix

São Carlos
2016

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Apoio Social e seus Processos Educativos em um grupo de convivência de idosos.

Ana Paula Ferreira Fidélix

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira

São Carlos
2016

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

F451a Fidélix, Ana Paula Ferreira
 Apoio social e seus processos educativos em um
 grupo de convivência de idosos / Ana Paula Ferreira
 Fidélix. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
 192 p.

 Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de
 São Carlos, 2016.

 1. Processos Educativos. 2. Idoso. 3. Apoio
 Social. I. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Ana Paula Ferreira Fidelix, realizada em 16/08/2016:

Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira
UFSCar

Profa. Dra. Elenice Maria Cammarosano Onofre
UFSCar

Prof. Dr. Wanda Pereira Patrocínio
UNIB

Dedico este trabalho a todas as idosas que fizeram parte desta pesquisa.

Dedico também ao meu marido Francis e ao meu filho Raul por me apoiarem e encorajarem nesta trajetória.

A presente dissertação é um trabalho desenvolvido no Grupo de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos” cadastrado no CNPQ desde 1997. Acesso:
<http://pspeindex.blogspot.com.br/>

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, companheiro e amigo Francis, que esteve sempre ao meu lado, apoiando, incentivando e me acolhendo nos momentos de angústias e incertezas.

Ao meu filho Raul que esteve mais que presente e me deu forças com seus sorrisos e olhares para seguir em frente quando os obstáculos surgiram.

À minha família que mesmo estando longe sempre acreditaram e me incentivaram a continuar.

À Nilva Rodrigues pela confiança e parceria nessa construção, não apenas desta pesquisa, mas da construção do meu ser enquanto pessoa.

Às idosas do grupo de convivência por toda a convivência, carinho e acolhida durante as inserções.

As professoras e professores da linha de pesquisa de “Práticas Sociais e Processos Educativos” por incentivarem o meu aprendizado e crescimento com carinho e dedicação.

À professora Maria Waldenez de Oliveira que esteve ao meu lado, me estendendo as mãos quando preciso, ensinando e construindo junto comigo. Me ensinando não apenas como orientadora, mas também como mulher, pessoa, humana.

Aos companheiros e companheiras de estudo da linha de pesquisa de “Práticas Sociais e Processos Educativos” por todas as trocas e todo aprendizado.

Às amigas do grupo de pós-parto do Espaço Paineira que possibilitaram um auto-conhecimento enquanto mulher e mãe que foram imprescindíveis para seguir pesquisando com serenidade e confiança até o fim.

À minha sogra Idalina e minha cunhada Melaine que estiveram sempre disponíveis apoiando e cuidando do Raul quando preciso para que eu pudesse trabalhar.

Ao meu cachorro Elvis que proporcionou momentos de lazer e relaxamento em meio ao turbilhão da Pós-Graduação.

À CAPES pelo apoio financeiro durante esta trajetória.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
1.1 Trajetória da Pesquisadora.....	10
1.2 Contexto da Pesquisa.....	13
1.3 Justificativa.....	16
2. QUESTÃO DE PESQUISA E OBJETIVOS	32
3. CAMINHO METODOLÓGICO	33
4. ENVELHECIMENTO, APOIO SOCIAL E PROCESSOS EDUCATIVOS: COMPREENSÕES TEÓRICAS	37
5. ANÁLISE DOS DADOS	51
5.1 Aproximações e Inserções: Aspectos gerais observados.....	51
5.2 Construção das categorias para análise dos dados.....	57
5.2.1 Velhice e Ser Velha.....	57
5.2.3. A convivência, umas com as outras.....	62
6. CONSIDERAÇÕES	77
7. REFERÊNCIAS	80
APÊNDICE A	85
APÊNDICE B	86
APÊNDICE C	88
ANEXO I	90

*“Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre
tudo
Eu quero dizer
Agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre
tudo
Sobre o que é o amor
Sobre o que eu nem sei quem sou
Se hoje eu sou estrela
Amanhã já se apagou
Se hoje eu te odeio
Amanhã lhe tenho amor
Lhe tenho amor
Lhe tenho horror
Lhe faço amor
Eu sou um ator
É chato chegar
A um objetivo num instante
Eu quero viver
Nessa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre
tudo
Eu vou desdizer
Aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante”*

(Raul Seixas)

RESUMO

A transformação do envelhecimento em problema social ocorre a partir do momento em que a busca por visões positivas sobre o processo ganham destaque. Em decorrência do aumento acelerado da população idosa juntamente com a preocupação da construção de uma visão positiva sobre o processo aumenta a preocupação com os idosos e desperta o interesse sobre o assunto nas áreas de política de saúde e social, assim como o interesse de estudiosos sobre o tema. Novas áreas e possibilidades de estudos emergem e a educação desponta como uma possibilidade para um novo olhar sobre o processo de envelhecimento e os seus significados. Os processos educativos podem ser observados a partir da convivência, das trocas e do apoio social que se faz presente nos grupos de convivência de idosos. O apoio social que tem a sua existência valorizada para a promoção e a manutenção de uma vida de qualidade emerge como prática social importante. Este estudo teve por objetivo identificar, analisar e descrever os processos educativos apresentados a partir da prática social do apoio social entre pessoas dentro de um grupo de convivência para idosos na cidade de São Carlos – SP. Os participantes da pesquisa foram idosas e professores frequentadores do grupo com idades que variaram entre 60 e 84 anos. Os encontros aconteceram semanalmente no salão de uma paróquia da cidade de São Carlos. Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, com a coleta de dados de setembro/2014 à junho/2016 a partir da Observação Participante, com a inserção da pesquisadora junto ao grupo utilizando-se de registros em diários de campo e realização de entrevistas semi-estruturadas. A análise dos dados ocorreu a partir da leitura e releitura das anotações em diário de campo e das transcrições das entrevistas destacando pontos considerados importantes, de repetição e que trouxe ligação com a prática social do apoio social e os processos educativos identificados. Observa-se o apoio social como ponto forte na convivência entre as pessoas do grupo. Os processos educativos ocorrem na troca entre as idosas e entre as idosas e a professora: sobre as atividades desenvolvidas no grupo, sobre as suas experiências de vida, saberes construídos em suas vivências e na convivência no grupo. O grupo de convivência é considerado de grande importância para as idosas na promoção e manutenção de suas relações sociais, assim como de sua participação social. A visão das idosas frente a velhice em geral é positiva, o que auxilia no enfrentamento do processo de envelhecimento e as limitações naturais decorrentes dele. Ao final do estudo conclui-se que a existência de uma rede de apoio social muitas vezes não garante a existência do apoio propriamente dito, o que não é o caso estudado aqui, mas o grupo de convivência mostra a importância a ele atribuída na existência e manutenção do apoio social para as idosas que o frequentam. O apoio social possibilita a existência de processos educativos a partir da convivência e das relações entre as idosas no grupo, assim como possibilidades de enfrentamento da velhice. Evidencia-se a necessidade da existência de equipamentos desse formato (grupos de convivência de idosos) para a participação de pessoas idosas na promoção da saúde e participação social.

Palavras chave: Processos Educativos, Idoso, Apoio Social.

ABSTRACT

The transformation of aging on social problem from the time when the search for positive views of the process are highlighted. Due to the rapid increase in the elderly population along with the concern of building a positive view of the process increases the concern for the elderly and arouses the interest on the subject in the areas of health and social policy and the interest of scholars on the theme. New areas and studies of possibilities emerge and education emerged as a possibility for a new look at the aging process and its meanings. Educational processes can be observed from the living, exchanges and social support that is present in the elderly in social groups. The social support that has its existence valued for promoting and maintaining a quality of life emerges as an important social practice. This study aimed to identify, analyze and describe the educational processes presented from the social practice of social support among people in a support group for seniors in the city of São Carlos - SP. The participants were older and regulars teachers group with ages ranging between 60 and 84 years. The meetings were held weekly in the lounge of a parish in the city of São Carlos. This is a research with qualitative approach to the collection of September data / 2014 to June / 2016 from the Participant Observation, with the insertion of the researcher with the group using field diaries records and interviews semi-structured. Data analysis was from reading and rereading of the notes in a field diary and interviews transcripts highlighting points considered important, repetition and brought connection with the social practice of social support and identified educational processes. It is observed social support as a strong point in the relationships between people in the group. Educational processes take place in the exchange between the elderly and among the elderly and the teacher: on the activities of the group, about their life experiences, knowledge built on their experiences and living together in the group. The living group is considered of great importance for the elderly in the promotion and maintenance of their socials relations as well as social participation. The sight of elderly face old age in general is positive, which helps in coping with the aging process and the natural limitations of it. At the end of the study it concluded that the existence of a social support network often does not guarantee the existence of the support itself, which is not the case studied here, but the social group shows the importance ascribed to it in existence and maintenance of social support for the elderly who attend. Social support enables the existence of educational processes from the coexistence and relations between the elderly in the group, as well as old age coping possibilities. Highlights the need for the existence of equipment that format (elderly people in social groups) for the participation of older people in health promotion and social participation.

Keywords: Educational Processes, Elderly, Social Support.

1. APRESENTAÇÃO

1.1 Trajetória da Pesquisadora

A inquietação que me coloca na posição de pesquisadora se reforça a partir da convivência com idosos na cidade de São Carlos - SP, porém este momento de refletir e pensar sobre a pesquisa me remete a minha trajetória de vida, onde a presença de idosos se faz de maneira muito forte.

Desde a infância no interior do Paraná, idosos fizeram parte do meu cotidiano, em uma relação positiva, de admiração de minha parte, pois um dia queria alcançar aquela posição em que eles estavam quando os assistia em rodas de chimarrão, quadras de bocha, preparos de costelas de chão para festas comunitárias, encontros regados a conhecimentos e saberes próprios do povo do sul do Brasil, estes que eu almejava adquirir pelo orgulho de ser paranaense e pelo orgulho das tradições daquela região.

Estas relações próximas, com os avós principalmente, me proporcionaram um olhar especial sobre as pessoas idosas. De respeito, entendimento, admiração e anseio por alcançar esta etapa da vida com a mesma disposição e vigor com que assisti tantas pessoas da comunidade alcançarem, reconhecendo a sabedoria que possuíam e a forma com que passavam esta sabedoria para nós os mais novos (adultos, crianças, adolescentes).

Chegando à vida profissional, após diversos caminhos percorridos trabalhando como secretária, atendente de lanchonete, digitadora, auxiliar administrativo, entre outros, no ano de 2007 concluí o curso técnico em enfermagem e iniciei minha carreira nesta área. Essa atividade me proporcionou a oportunidade de cuidar de pessoas de diversas faixas etárias. O olhar pelo mais velho que percebo ter desenvolvido quando criança foi colocado em prática de forma intensa durante este período.

A formação como técnica me trouxe a capacitação para atuação profissional, proporcionou a descoberta do dom de cuidar de pessoas em um dos momentos de maior necessidade, no momento do adoecimento, proporcionou uma sensibilidade e carinho pelo

próximo de forma diferente e com certeza o exercício da empatia. Infelizmente não me trouxe reflexões aprofundadas sobre o cuidado prestado aos idosos e as demandas que surgem como processo de envelhecimento que vão além das necessidades biológicas especificamente, devido a grade curricular do curso, percepção presente na atuação profissional.

O conteúdo teórico sobre o cuidado com pessoas desta faixa etária ocupava um espaço breve no programa do curso, penso que, como técnicos, não somos preparados para trabalhar com este público da maneira devida, pensando em um cuidado integral e humanizado. A formação foi insuficiente e aos poucos pude refletir sobre estas questões durante os estágios e a atuação. Certamente minha trajetória de vida e os valores construídos durante toda ela influenciou decisivamente no meu trabalho como técnica em enfermagem, principalmente no que diz respeito ao cuidado de pessoas idosas, minhas experiências e visão sobre o assunto levaram a me aproximar deste público.

Este caminho profissional também trouxe inquietações quanto ao crescimento pessoal e a necessidade de aprofundar os conhecimentos adquiridos. Iniciou-se então, uma busca por uma área ou curso que me possibilitasse atuar com prazer. Encontrei a Gerontologia, onde vislumbrei a possibilidade de estudar especificamente, o envelhecimento, a partir de uma visão mais ampla, desse momento da vida, suas demandas sociais, biológicas e psicológicas e as pessoas que já se encontram na fase da velhice. Essa possibilidade me fascinou e ingressei nesta graduação.

Contatos com grupos de idosos fizeram parte da trajetória da graduação em Gerontologia e pessoalmente pude acompanhar e vivenciar atividades nestes e com estes grupos em diversos momentos, locais estes onde ocorrem atividades diversas voltadas para o público idoso, tais como: artesanato, atividades físicas, teatrais, expressão corporal, cognição, entre outras.

Reflexões acerca destes momentos estiveram presentes durante a graduação: sobre a sua organização, sentimentos dos participantes, convivência entre pessoas distintas, atividades ofertadas, são algumas delas. Ao frequentar grupos da cidade de São Carlos no interior do estado de São Paulo, pude ter contato com diversos modelos de serviços para idosos (grupos de convivência de idosos, Instituições de Longa Permanência, Grupos de Atividades Físicas, Universidade Aberta da Terceira Idade, entre outros) e ampliar a visão

para as diversidades e dificuldades que alguns destes lugares passam para se manter abertos e em funcionamento, proporcionando uma opção para os idosos participarem. Reflexões e inquietações que permaneceram comigo após a conclusão do curso no ano de 2012.

Nesta trajetória sempre se fez presente e me chamou atenção o apoio entre as pessoas que frequentaram os grupos que acompanhei, desde a infância até os estágios na graduação. Na atuação profissional pude observar o quão importante se fazia o apoio e suporte recebidos da família e dos profissionais para os idosos que estavam sendo cuidados.

Após me formar como gerontóloga, busquei ampliar a visão sobre as atividades ofertadas para os idosos. O interesse por música e artes estiveram sempre presentes em minha vida pessoal e no curso de Gerontologia o contato com atividades deste formato ficaram suspensos, nenhum projeto com estas características era desenvolvido, incluindo ou não idosos. Após me formar busquei uma maneira de colocar em prática atividades com estas características, desenvolvidas para o público de pessoas idosas.

No segundo semestre do ano de 2013 tive a oportunidade de atuar como produtora em um Festival Cultural, anual, que oferece apresentações musicais, oficinas diversas, atividades para o público em geral, de forma gratuita, o Festival Contato - Multimídia Colaborativo que ocorreu no mês de setembro no Município de São Carlos – SP.

Pela primeira vez este festival ofereceu atividades e oficinas voltadas para o público idoso especificamente, ação que teve início com minha iniciativa ao procurar os produtores responsáveis pelo festival e a coordenadora de um grupo de idosos do município propondo as atividades. Uma experiência muito gratificante, grupos de idosos participaram de oficinas de rádio, apresentações teatrais, musicais e de composições de paródias.

O contato com os grupos de convivência para idosos foi retomado para a realização do festival e desta vez a relação tornou-se mais direta, a vivência mais profunda e intensa. Ao desenrolar das atividades reflexões me acompanharam, a todo o momento, acerca do real benefício que proporcionam aos idosos participantes.

Percebi após viver estas experiências que existia uma possibilidade de estudo, uma possibilidade de pesquisar as relações existentes entre as atividades oferecidas e a formação do suporte ou do apoio social. Assim despontou o interesse em minha trajetória de

vida e de trabalho em buscar uma área e linha de pesquisa que pudessem me ajudar nesse entendimento, nas minhas inquietações e anseios.

Desta forma encontrei o PPGE – Programa de Pós Graduação em Educação da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos, e nele a linha Práticas Sociais e Processos Educativos. Acredito que nessa linha, a partir dos conhecimentos já elaborados por esse grupo, poderá ser possível compreender as práticas sociais existentes em grupos de convivência para idosos e os processos educativos que ocorrem nestes espaços.

1.2 Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida junto a um grupo de idosos que se encontram semanalmente no salão de festas de uma paróquia na cidade de São Carlos, no estado de São Paulo. O local foi cedido pela igreja para que o grupo pudesse desenvolver suas atividades: física, para cognição e de artesanato.

“O espaço onde as atividades e as inserções acontecem trata-se de um salão de festas ao lado da igreja. A igreja é uma construção antiga, o bairro é um dos mais antigos da cidade de São Carlos, construção ornamentada, sua frente tem uma entrada principal, portas grandes de madeira e uma linda praça em frente, parte da praça é utilizada para estacionamento, mas possui uma área com árvores e bancos do lado direito da igreja, pude ver alguns idosos, geralmente homens, sentados nos bancos conversando, algumas vezes quando chegava para encontrar o grupo. Uma torre do lado esquerdo acompanha a fachada, o sino ainda funciona, ouvi tocar apenas uma vez.” (D.C. 16/03/2015)¹

Devido à contatos anteriores com os modelos de serviços para idosos, nos estágios da graduação, alguns grupos despontaram como possibilidades para o desenvolvimento desta pesquisa, com características que poderiam auxiliar na coleta de dados e resposta à questão de pesquisa, após contato com a professora destes grupos um deles foi indicado como sendo uma boa possibilidade para as inserções.

Este grupo foi escolhido para as observações por apresentar um grande número de colaboradores com idades variadas, o que poderia proporcionar dados também variados

¹ D.C.: Refere-se a trechos retirados dos registros em diários de campo.

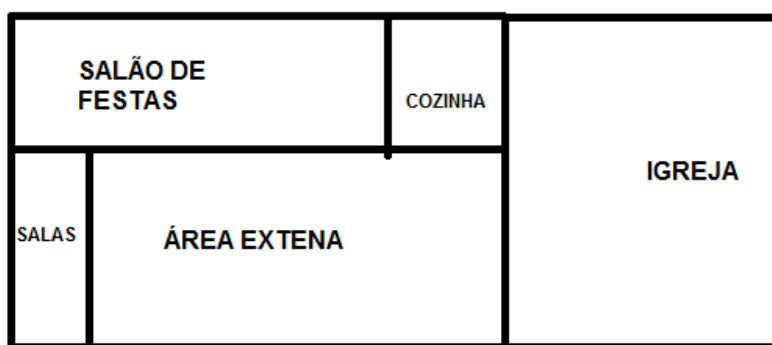
durante as coletas (diários de campo e entrevistas). Apresentava características que poderiam auxiliar nas respostas às questões de pesquisa, como por exemplo, ser um espaço de convivência com possibilidade de ocorrência e identificação de uma prática social e os processos educativos desencadeados a partir dela, e também por ser a professora uma pessoa receptiva e aberta a propostas desta natureza. A mesma, em conversa anterior às inserções, apontou que o grupo de idosos também tinha estas características e que a pesquisa poderia ser realizada.

As colaboradoras da pesquisa são pessoas do grupo mencionado (alunas e professores). O grupo era formado apenas por mulheres como alunas, uma professora que acompanhou o grupo na maior parte do período de inserções e um professor que acompanhou o grupo por um curto período de tempo e depois se afastou. Como critério de inclusão utilizou-se ser participante do grupo e manifestar interesse e disponibilidade em fazer parte deste estudo, e de exclusão foi utilizada a recusa em participar do estudo por qualquer motivo e a qualquer momento.

O objetivo de identificar, descrever e analisar os processos educativos apresentados a partir da prática social do apoio social entre as colaboradoras foi explicado no primeiro contato com o grupo e então as aproximações e inserções aconteceram. Durante este período participei acompanhando e realizando junto com as idosas as atividades ali desenvolvidas, variando de acordo com o dia e cronograma do grupo.

O esquema a seguir traz a descrição sobre o local onde as atividades eram desenvolvidas:

“O salão de festas (*onde as atividades eram realizadas*), fica bem ao lado, do lado esquerdo da igreja, olhando de fora pode-se perceber uma área externa também utilizada por vezes como estacionamento e contornando esta área, em formato de “L” podemos ver à esquerda duas salas [...], em frente ao portão temos o salão de festas com duas portas de vidro como entradas principais e terminando a igreja a direita [...] Entrando no salão observamos uma cozinha grande, modelo industrial do lado direito onde voluntárias fazem pão para venda na paróquia e as comidas das festas típicas que a igreja oferece (quermesse, festas temáticas e outras), e banheiros (feminino e masculino) do lado esquerdo.” Segue esquema:



(D.C. 16/03/2015)

O grupo de idosos é acompanhado por uma professora que orienta e propõe as atividades físicas, de cognição e artesanato em conjunto com as idosas. Um professor participou por um curto período a pedido da professora devido ao grande número de colaboradores que em média era de 40 (quarenta) alunas por aula. Quando o número de alunas reduziu e sua média ficou em torno de 20 (vinte) alunas por aula o professor deixou de acompanhar o grupo. Essa diferença no número de colaboradores deu-se, segundo explicação da professora, devido a problemas de saúde, desistências, falecimentos das colaboradoras ou seus cônjuges, dificuldades de deslocamento até o local, entre outros, que as idosas encontram para manter-se frequentando o grupo de convivência.

Neste grupo encontram-se exclusivamente mulheres como alunas, mesmo não sendo um grupo destinado somente para este público. Desde o seu início apenas mulheres manifestaram interesse em participar dos encontros apesar de ser um grupo aberto a toda comunidade. Apenas uma mulher apresenta idade inferior a 60 (sessenta) anos. As idosas têm idade entre 60 (sessenta) e 84 (oitenta e quatro) anos.

Todas as colaboradoras são residentes da cidade de São Carlos – SP, a maioria frequentadora das missas na paróquia, portanto adeptas da religião católica. Uma das idosas é da religião evangélica e outra da religião espírita. Mulheres, vaidosas e sempre bem dispostas. Animadas nas manhãs de segunda-feira quando se encontram, faça chuva ou faça sol.

A coleta de dados ocorreu no local da realização dos encontros semanais, o salão da igreja, com a confecção dos diários de campo, assim como também em outros

espaços, como, por exemplo, a residência das idosas, quando disponibilizadas após convite para a realização das entrevistas.

A análise dos dados se deu a partir da leitura dos diários de campo e transcrições das entrevistas realizadas, buscando responder a questão de pesquisa e destacar os processos educativos que permeiam a prática social identificada neste estudo como sendo o apoio social.

1.3 Justificativa

Observa-se atualmente o aumento acelerado da população idosa no cenário mundial e no Brasil não ocorre de forma diferente. Particularmente na região Sudeste do nosso país, pode-se observar um aumento significativo no que diz respeito às pessoas com 60 anos ou mais (GUERRA;CALDAS, 2010; MENEZES et. al, 2009).

Sobre a estimativa de aumento da população idosa, observa-se nas pirâmides etárias, que vem a seguir, gráficos 1, 2, 3 e 4 uma expectativa de avanço a nível nacional com o passar dos anos. As pirâmides indicam a ocorrência da transição demográfica a nível nacional, quando ocorre um menor número de nascimentos e o aumento da expectativa de vida.

Gráfico 1 – Pirâmide Etária com Projeção para o ano 2010.

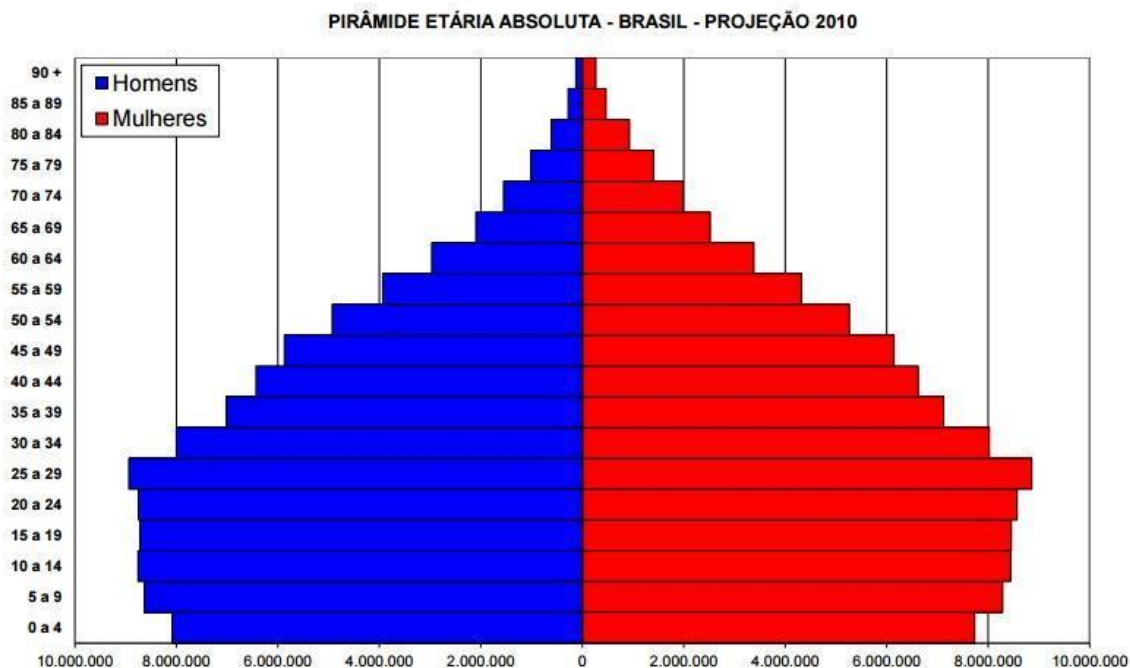


Gráfico 2 – Pirâmide Etária com Projeção para o ano 2020.

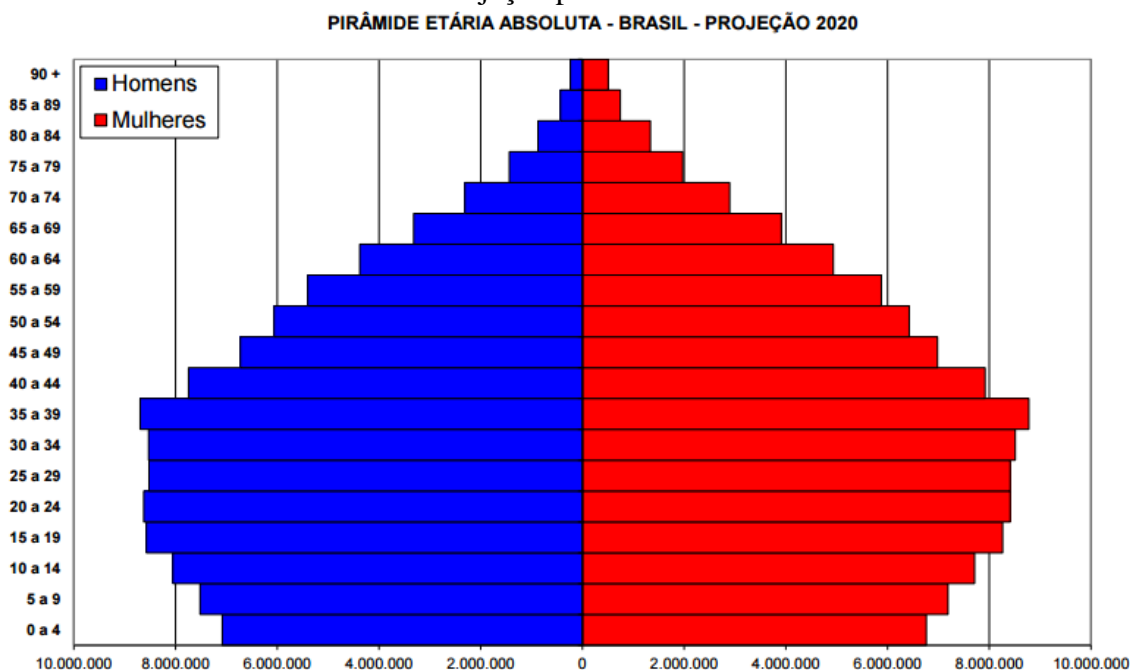
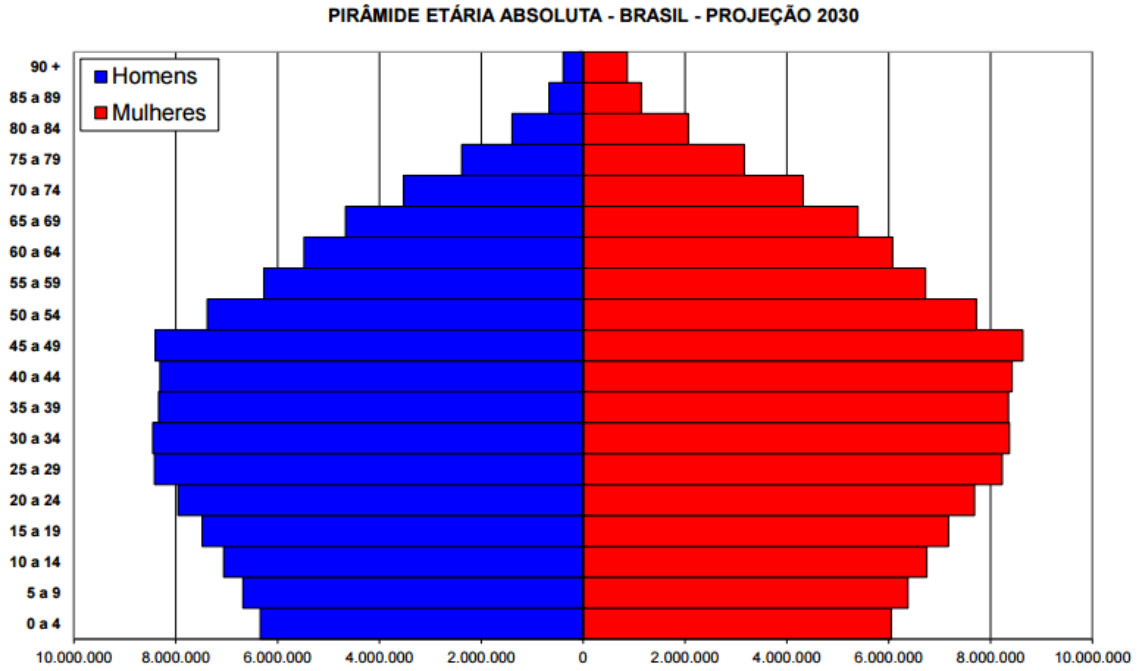
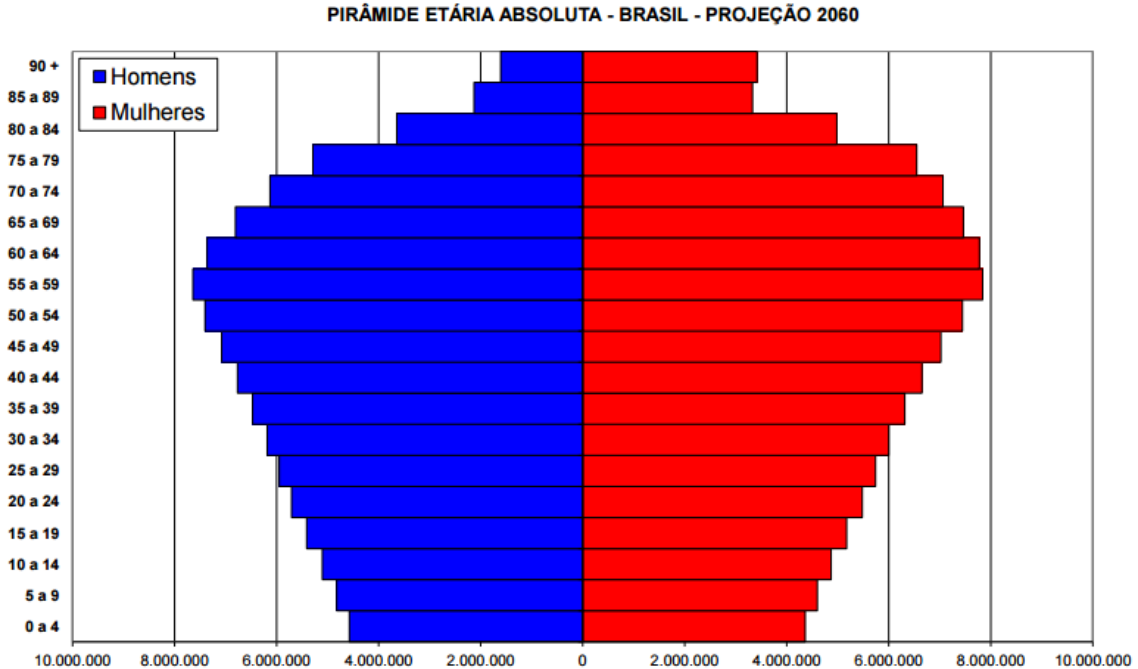


Gráfico 3 – Pirâmide Etária com Projeção para o ano 2030.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000014425608112013563329137649.pdf>. Acessado em Novembro de 2014.

Gráfico 4 – Pirâmide Etária com Projeção para o ano 2060.

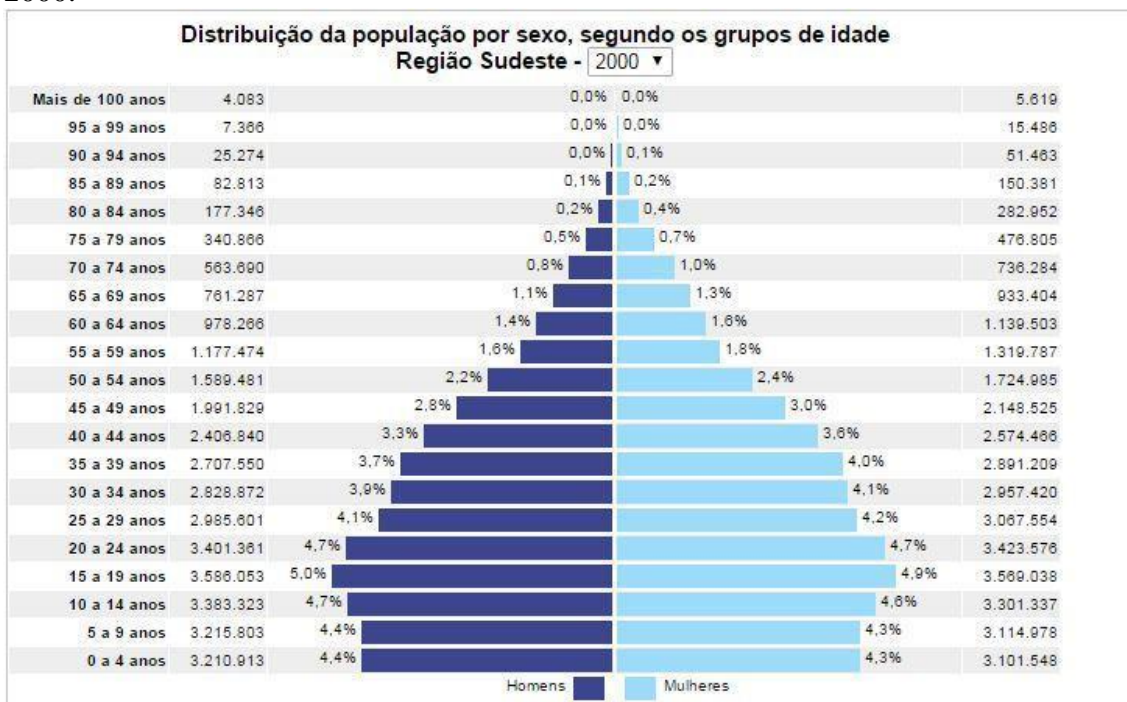


Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000014425608112013563329137649.pdf>. Acessado em Novembro de 2014.

A partir dos dados indicados nas pirâmides etárias e após comparação destes, confirma-se o aumento da população com 60 (sessenta) anos ou mais. Direciona-se a chamada inversão da pirâmide etária, quando as pessoas mais jovens estarão em menor quantidade do que as mais velhas e o aumento também da expectativa de vida, podendo ser observado nas pirâmides que as pessoas com 90 (noventa) anos ou mais estarão em maior número.

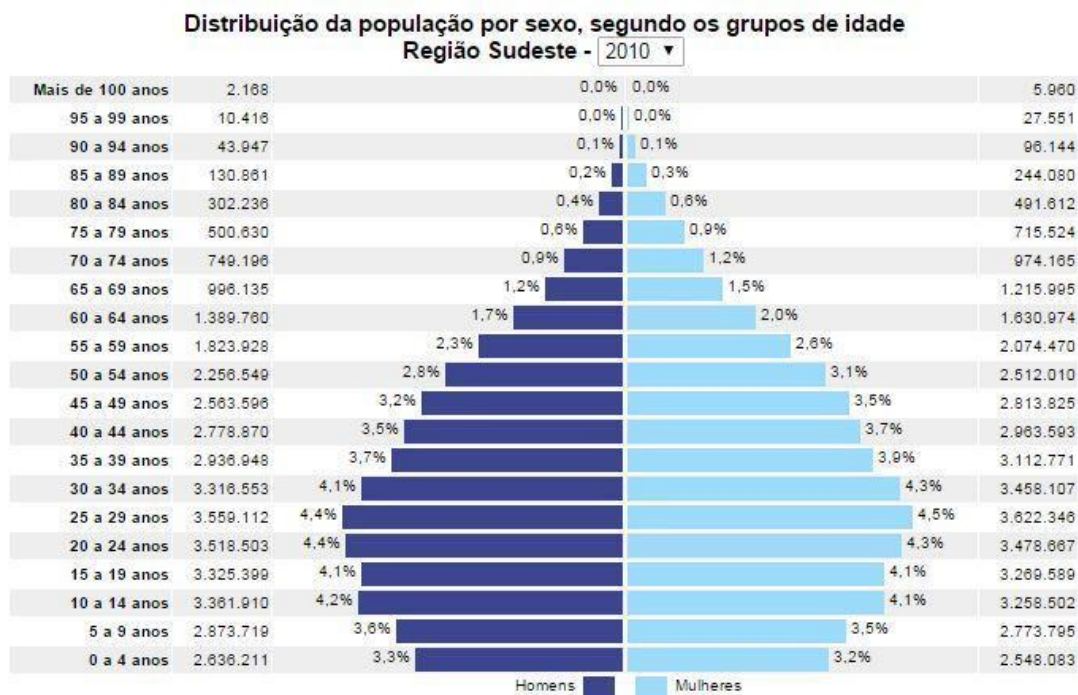
Demonstra-se nos gráficos 5 e 6, a relação da população por gênero e idade na região sudeste, a partir dos últimos censos demográficos realizados no Brasil. O censo demográfico é o conjunto de dados estatísticos sobre a população, em nosso país é uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE a cada dez anos (MAFRA et. al, 2013).

Gráfico 5 – Relação da população por gênero e idade na região sudeste do Brasil no ano de 2000.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: http://www.censo2000.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12#topo_piramide. Acessado em : Novembro de 2014.

Gráfico 6 – Relação da população por gênero e idade na região sudeste do Brasil no ano de 2010.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: http://www.censo2000.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12#topo_piramide. Acessado em : Novembro de 2014.

Ao comparar os dados dos gráficos dos anos de 2000 e 2010 observa-se uma diminuição no percentual da população das faixas etárias mais baixas, de 90,9% passa a 88,4% e o aumento da população com 60 anos ou mais, de 9,3% passa a 11,7%. Estes dados demonstram a ocorrência da transição demográfica, constata-se o aumento da população idosa.

Na tabela 1 temos dados que demonstram as projeções futuras com relação a esperança de vida ao nascer, estima-se que a população viva mais tempo. No ano de 2000 para a região sudeste a estimativa média de vida era de 71,4 anos, já o ano de 2030 estima-se que a média de vida será de 80,9 anos. Considerando este aumento em projeção, constata-se que aumentará consequentemente o número de idosos em nossa população, em destaque a região Sudeste, que apresenta um aumento significativo.

Tabela 1 – Esperança de vida ao nascer destacando a região Sudeste.

Esperanças de vida ao nascer estimadas e projetadas, por sexo
Unidades da Federação - 2000/2030

Unidades da Federação	Esperanças de vida ao nascer											
	Estimadas						Projetadas					
	2000			2010			2020			2030		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Rondônia	67,8	64,8	71,6	70,1	67,0	73,8	72,1	69,0	75,7	73,8	70,7	77,2
Acre	66,4	63,4	70,1	71,7	68,5	75,4	75,1	71,9	78,6	77,0	73,9	80,3
Amazonas	67,3	64,7	70,3	70,4	67,3	73,8	72,8	69,5	76,5	74,7	71,3	78,4
Roraima	65,3	62,3	69,0	69,5	66,9	72,5	72,7	70,4	75,3	75,0	72,7	77,5
Pará	68,4	65,8	71,5	70,9	67,5	74,7	72,8	69,0	77,2	74,4	70,4	78,9
Amapá	68,0	64,2	72,5	72,1	69,2	75,4	74,9	72,4	77,5	76,6	74,2	79,1
Tocantins	67,6	64,9	70,7	71,6	68,7	74,9	74,4	71,4	77,7	76,2	73,3	79,5
Maranhão	65,3	61,8	69,4	68,7	65,1	72,8	71,7	68,0	75,6	74,0	70,4	77,8
Piauí	67,9	64,7	71,2	69,9	66,1	73,9	71,8	67,5	76,2	73,4	68,8	78,0
Ceará	69,4	65,8	73,3	72,4	68,5	76,4	74,7	70,8	78,7	76,4	72,5	80,2
Rio Grande do Norte	70,2	66,8	73,9	74,1	70,2	78,1	76,6	72,6	80,6	78,0	74,3	81,8
Paraíba	67,1	63,5	70,7	71,2	67,4	75,1	74,4	70,5	78,2	76,5	72,7	80,2
Pernambuco	65,0	60,2	70,1	71,1	66,8	75,5	75,3	71,5	78,9	77,7	74,3	80,9
Alagoas	64,3	60,3	68,5	69,2	64,6	74,0	73,0	68,3	77,8	75,7	71,1	80,1
Sergipe	67,7	64,0	71,6	71,0	66,9	75,2	73,6	69,4	77,9	75,6	71,5	79,8
Bahia	68,7	65,2	72,4	71,9	67,7	76,4	74,4	69,9	79,1	76,1	71,6	80,8
Minas Gerais	71,8	68,4	75,3	75,5	72,5	78,6	78,2	75,4	81,0	80,0	77,3	82,8
Espirito Santo	70,4	66,4	74,8	75,9	71,9	80,2	79,3	75,6	83,2	81,2	77,7	84,7
Rio de Janeiro	70,0	65,3	74,8	74,2	70,3	78,0	77,3	74,0	80,4	79,4	76,4	82,2
São Paulo	71,4	67,0	76,1	76,1	72,6	79,5	79,1	76,1	82,0	80,9	78,1	83,5
Paraná	71,2	68,2	74,5	75,2	71,9	78,6	78,2	74,8	81,7	80,5	77,1	83,9
Santa Catarina	72,1	68,7	75,7	76,9	73,6	80,4	80,2	77,0	83,5	82,3	79,1	85,4
Rio Grande do Sul	72,4	68,6	76,2	76,0	72,4	79,5	78,8	75,4	82,0	80,8	77,7	83,9
Mato Grosso do Sul	70,2	66,9	73,9	73,8	70,4	77,6	76,5	73,1	80,2	78,5	75,1	81,9
Mato Grosso	69,5	66,5	73,3	72,6	69,5	76,3	75,2	72,1	78,7	77,2	74,1	80,6
Goiás	71,2	68,4	74,3	73,1	70,1	76,4	74,8	71,7	78,2	76,3	73,1	79,8
Distrito Federal	72,3	68,5	76,1	76,3	72,5	79,9	79,1	75,4	82,4	80,8	77,3	83,9

Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Projeção da População por Sexo e Idade para o Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação, 2013.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000014425608112013563329137649.pdf>. Acessado em Novembro de 2014.

Na cidade de São Carlos – SP, segundo último censo demográfico realizado no ano de 2010, a população total era de 221.950 habitantes e de 28.696 idosos, o que corresponde a 12,9% (IBGE, 2010).

Como pode ser observado na tabela 2, a cidade de São Carlos em comparação com a média do estado de São Paulo apresenta um envelhecimento mais acentuado. As percentagens, segundo o índice de envelhecimento, demonstram quando apresenta valores elevados, que a transição demográfica encontra-se em estágio avançado, ou seja, o número de idosos aumenta em relação ao número de pessoas mais novas. Ele auxilia no acompanhamento e evolução do ritmo de envelhecimento da população (DATASUS, 2016).

Tabela 2 - Índice de Envelhecimento no Estado de São Paulo e cidade de São Carlos (2007, 2011 e 2015).

	Índices de Envelhecimento		
	2007	2011	2015
Estado de São Paulo	46,84%	56,32%	67,2%
São Carlos	58,65%	69,47%	82,44%

Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE. Disponível em: <http://www.imp.seade.gov.br/frontend/#/tabelas>. Acessado em Janeiro de 2016.

A partir deste crescimento significativo da população idosa, a níveis nacional, estadual e municipal, e das preocupações por este grupo etário com características diferentes dos demais, o envelhecimento torna-se assunto de discussão nas áreas de política de saúde e social e desperta o interesse da área acadêmica pela temática do envelhecimento (FERREIRA, 2010).

Observa-se com relação à população idosa a implementação de leis e projetos particularmente voltados para a área da saúde, como a Política Nacional do Idoso (Lei n. 8.842, 1994); a saúde do idoso é estabelecida como prioridade nas diretrizes do Pacto pela Vida, em Defesa do SUS e de Gestão (Ministério da Saúde, 2006) e na Política Nacional da Pessoa Idosa (PNSPI) (Ministério da Saúde, 2006). Evidencia-se uma preocupação sempre maior com aspectos relacionados à saúde do idoso do que os relacionados a outras áreas como os aspectos sociais, por exemplo (COMBINATTO, 2010).

O trabalho com grupos e a participação dos idosos em grupos pode além de se constituir como complemento para a assistência à saúde por proporcionar atividades físicas que auxiliam na questão saúde/doença pode estimular e proporcionar situações que beneficiem os idosos em outros aspectos, além do cuidado à saúde, como o de suporte social, por exemplo (BENEDETTI et. al, 2012).

Segundo, Benedetti et. al, (2012, p 2088), a participação em grupos:

pode afastar a solidão e propiciar amizades; aumento da autoestima e melhorar a integração com familiares, resgatando valores pessoais e sociais; bem como o suporte social que é um fator importante. Além dessas características, a participação em grupos de convivência pode favorecer a adoção de um estilo de vida mais ativo, pois nestes são realizadas atividades de lazer, culturais, intelectuais, físicas, manuais, artísticas e de convívio grupal.

A maioria dos estudos hoje trata de assuntos sobre a expectativa de vida e os fatores de risco para a morte, por exemplo, poucos são os estudos que objetivam verificar a opinião dos idosos sobre a velhice, o que demonstra de maneira realista as mudanças e percepções sobre o processo de envelhecimento no ambiente social e no próprio corpo. (GUERRA;CALDAS, 2010)

Para evidenciar estas constatações e demonstrar a relevância acadêmica desta pesquisa, realizei levantamento bibliográfico nas bases de dados Scientific Electronic Library Online – SCIELO, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e Banco Digital de Teses e Dissertações - BDTD , seguindo as seguintes etapas:

- Definição das bases de dados;
- Definição dos descritores;
- Busca e seleção nas bases por título no período dos últimos 5 anos (2009 à 2014);
- Seleção pela leitura dos resumos;
- Análise da busca e seus resultados.

Para a busca de artigos utilizou-se os descritores: idoso, envelhecimento, terceira idade, envelhecer, práticas sociais e processos educativos. A opção por utilizar todos estes descritores foi feita para poder compreender qual seria o melhor a adotar posteriormente como descritor da pesquisa, a partir dos resultados encontrados. Foram utilizados os filtros pela busca da palavra “é/exata” e o uso de aspas no caso dos dois últimos descritores para que a busca considerasse como um termo único, não mostrando todos os resultados com os descritores separados com a palavra “prática”, “sociais”, “processos” e “educativos”, mas sim utilizando os termos em conjunto.

A busca inicial de artigos trouxe resultados conforme tabela 3.

Tabela 3 – Buscas bibliográficas com o recorte dos últimos 5 anos.

TABELA DE BUSCAS				
BASE DE DADOS	DESCRITOR	TOTAL ENCONTRADO	SELEC. TÍTULO	SELEÇÃO FINAL PELO RESUMO
CAPES (Periódicos)	IDOSO	752	41	18
	ENVELHECIMENTO	289	35	16
	TERCEIRA IDADE	48	7	5
	ENVELHECER	10	4	4
	PRÁTICAS SOCIAIS	537	5	1
	PROCESSOS EDUCATIVOS	199	5	2
SCIELO	IDOSO	477	18	6
	ENVELHECIMENTO	491	19	11
	ENVELHECER	23	4	3
	TERCEIRA IDADE	98	2	2
	PRÁTICAS SOCIAIS	381	3	1
	PROCESSOS EDUCATIVOS	36	1	1
TOTAL		3341	144	70 trabalhos

Observa-se na tabela um descarte significativo a partir do total encontrado inicialmente para os artigos selecionados pelos resumos para leitura na íntegra, do total de 3341 de artigos encontrados foram selecionados 70 para leitura, o que corresponde a 2,09% do total. Isto ocorre devido ao grande número de trabalhos serem da área da saúde, relacionados à temas sobre patologias e situações específicas de saúde, desta forma não tendo relação direta com esta pesquisa.

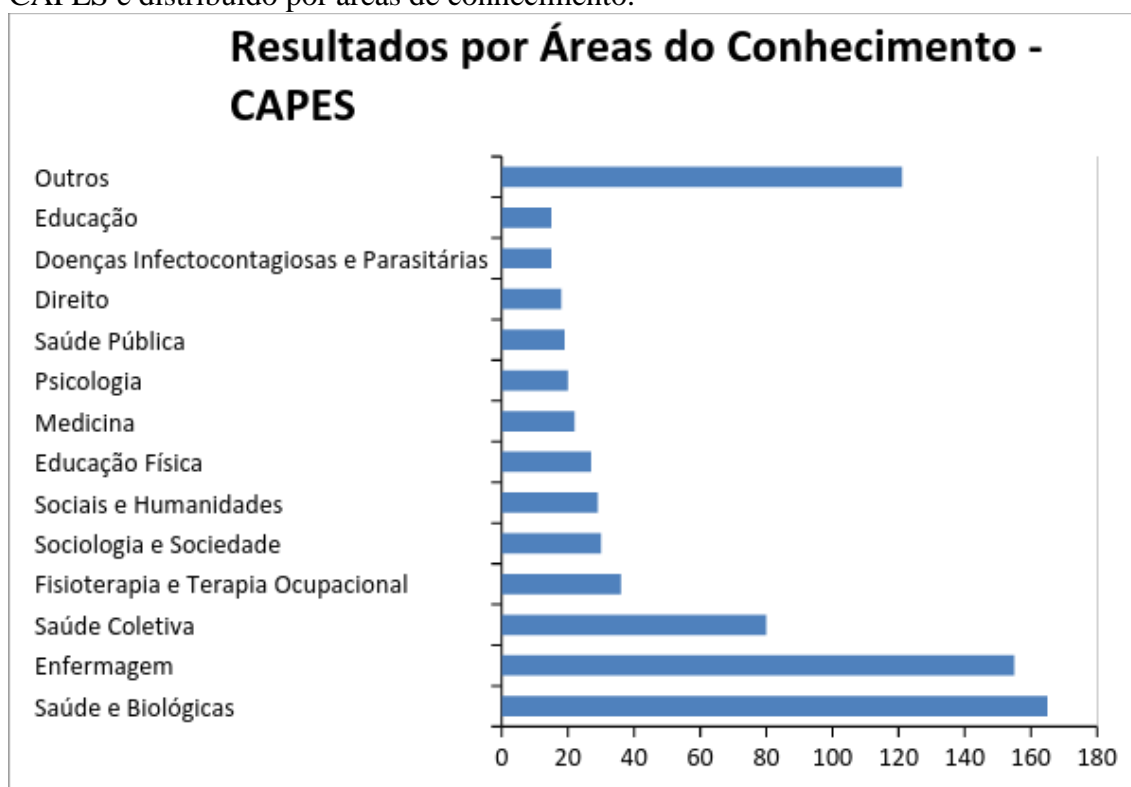
Foram considerados critérios de inclusão para leitura na íntegra, estudos relacionados com idosos, que versavam sobre os significados do envelhecimento, as políticas voltadas para esta parcela da população, participação em grupos, qualidade de vida, amizades e atividades.

Foram excluídos os trabalhos que traziam dados sobre patologias específicas, estudos onde os colaboradores eram só homens ou só mulheres, que tinham seu foco de

estudos voltados para colaboradores não idosos, como por exemplo, os cuidadores, dentre outros.

Para exemplificar a afirmação sobre a grande quantidade de achados na área da saúde, apresenta-se no gráfico 7, com os dados sobre a busca no banco de dados CAPES utilizando o descritor idoso, distribuído por áreas do conhecimento sugeridas pelo portal.

Gráfico 7 – Resultados de busca por artigos utilizando o descritor idoso no banco de dados CAPES e distribuído por áreas de conhecimento.



Fonte: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/>. Acessado em Novembro de 2014.

Observando o gráfico nota-se que o portal da CAPES nos traz diversas ramificações da área da saúde e não os agrupa em uma grande área. Considerando esta como uma área única agruparíamos as sugeridas pela base de dados como áreas separadas. Ficariam a de Doenças Infectocontagiosas e Parasitárias, Saúde Pública, Medicina, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Saúde Coletiva, Enfermagem e Saúde e Biológicas como uma só área, a da saúde. Isto nos dá a dimensão da quantidade de trabalhos agrupados que desta forma

aparecem com os descritores utilizados. Evidencia-se a partir da leitura dos títulos dos trabalhos, o enfoque principalmente em patologias.

A maior concentração de trabalhos está na área de Saúde e Biológicas, seguida pela área da Enfermagem e também na área da Saúde Coletiva, isto nos aponta que mais trabalhos nas demais áreas necessitam ser desenvolvidos, uma vez que o envelhecimento deve ser visto em sua integralidade, considerando não apenas a saúde, mas também aspectos sociais e psicológicos.

A partir da leitura dos resumos dos trabalhos selecionados foram identificados os seguintes agrupamentos de objetivos nestes esperados:

- Apreender os significados atribuídos ao envelhecimento, suas percepções de serem/estarem idosos, sobre o próprio corpo em envelhecimento;
- Discutir aspectos legais do desenvolvimento de políticas de atenção ao idoso no Brasil;
- Investigar a associação entre as relações sociais e a autopercepção da saúde em idosos, condições de saúde e atividade física em idosos colaboradores e não colaboradores de grupos de convivência;
- Desenvolver processo grupal da promoção de saúde, tendo em vista o envelhecimento ativo e a qualidade de vida da população idosa;
- Medir o escore de qualidade de vida entre idosos colaboradores e não colaboradores de atividades grupais;
- Compreender a motivação que impulsiona a busca por grupos de convivência e as contribuições para a reelaboração e reinvenção de saberes e fazeres cotidianos;
- Análise das variáveis sociodemográficas, de saúde e de participação em atividades físicas e ocupacionais;
- Identificar o papel da educação como possibilidade de mudança para idosos;
- Investigar a percepção de idosos sobre grupos de convivência

As buscas de teses e dissertações foram realizadas no site do BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, utilizando os mesmos descritores das buscas dos artigos e no mesmo período (2009 à 2014) os resultados encontrados foram os que seguem na tabela 4.

Tabela 4 - Buscas por descritores no site BDTD no período de 2009 à 2014.

TABELA BUSCAS BDTD			
DESCRITOR	TOTAL	SELEC. TÍTULO	SELEÇÃO FINAL PELO RESUMO
IDOSO	354	7	7
ENVELHECIMENT O	225	7	6
TERCEIRA IDADE	23	2	2
ENVELHECER	2	2	1
PROCESSOS EDUCATIVOS	23	3	2
PRÁTICAS SOCIAIS	47	3	3
TOTAL	674	24	21 TESES E DISSERTAÇÕES

Mais uma vez o descarte é significativo pelos motivos descritos anteriormente, do total de 674 trabalhos encontrados com os descritores utilizados, foram selecionados 21 para leitura na íntegra, o que corresponde a 3,11% do total. Um grande número de trabalhos se encontram na área da saúde, com temas sobre patologias e situações específicas de saúde e que não se relacionam diretamente com esta pesquisa.

A partir da leitura dos resumos das teses e dissertações selecionados foram identificados os seguintes agrupamentos de objetivos nestes esperados:

- Analisar a relação entre relações sociais e capacidade funcional;
- Compreender os vários aspectos que implicam a mudança de comportamento do idoso ao frequentar um programa de educação continuada;
- Compreender o significado de participar de atividades lúdicas e musicais sob o olhar dos idosos;

- Investigar uma proposta de educação para o envelhecimento para pessoas idosas;
- Determinar as características sociodemográficas, cognitivas (memória, atenção, funções executivas, linguagem), satisfação de vida e perfil da atividade física (tipo e duração) de idosos praticantes de exercício, caracterizar os idosos e sua participação em atividades educativas grupais, comparar os escores de qualidade de vida entre os idosos participativos e não participativos
- Apresentar métodos psicoterapêuticos para idosos de um grupo;
- Relação entre suporte social e qualidade de vida;
- Refletir sobre o envelhecimento e a existência de Políticas Públicas voltadas para educação de idosos;
- Desvelar práticas sociais e processos educativos e seus desdobramentos.

Após agrupamento e leitura evidencia-se uma escassez de produções sobre a temática, uma vez que os objetivos listados em boa parte diferem do esperado nesta pesquisa e não vão ao encontro da busca sobre os processos educativos desencadeados a partir da prática social do apoio social. A grande concentração dos trabalhos com os descritores utilizados direcionados aos colaboradores da pesquisa é das áreas biológicas e da saúde, mais especificamente com o enfoque em patologias, o que difere da pesquisa que aqui é desenvolvida. Demonstra-se desta maneira a relevância acadêmica desta pesquisa e evidencia-se uma lacuna a ser investigada

A prática social a ser investigada é o Apoio Social, ela desponta como aspecto importante na convivência entre as idosas do grupo onde as inserções ocorreram. Realizei nova busca nos bancos de dados, agora especificamente com o descritor “apoio social”, como busca avançada nos portais, usando as ferramentas: palavra “é/exata” ou entre aspas para que fosse considerado como um único termo. Não foi realizado recorte de tempo para uma busca mais ampla, no intuito de aprofundar os achados sobre o tema para construção do referencial teórico e melhor construção dos dados. Na base de dados Scielo para filtrar a busca, foram marcadas as áreas de ciências da saúde, ciências humanas, ciências sociais aplicadas e

ciências biológicas e descartadas as engenharias, linguística, letras e artes, ciências agrárias e ciências exatas e da terra. Os resultados estão demonstrados na tabela 5, a seguir.

Tabela 5 – Buscas por descritores da prática social nas bases de busca sem recorte temporal.

TABELA DE BUSCAS

BASE DE DADOS	DESCRIPTOR	TOTAL ENCONTRADO	SELEC. PELO TÍTULO	SELEÇÃO FINAL PELO RESUMO
CAPEIS (Periódicos)	APOIO SOCIAL	2.703	33	32
SCIELO	APOIO SOCIAL	1.274	34	29
BDTD	APOIO SOCIAL	364	25	22
TOTAL		4341	92	83 trabalhos

Observa-se a partir da tabela apresentada que o descarte significativo se mantém com o novo descritor, do total de 4341 trabalhos selecionados nas bases de dados, 83 ficaram para leitura na íntegra, o que corresponde a 2% do total. Os motivos são os mesmos, uma grande concentração de trabalhos reunidos nas áreas biológicas com enfoques em patologias. Utilizei como critério de inclusão os trabalhos que tinham como colaboradores da pesquisa os idosos, que versassem sobre grupos, atividades para este público e religiosidade uma vez observada a importância desta última categoria para os colaboradores.

A partir da leitura dos resumos dos trabalhos selecionados foram identificados os seguintes agrupamentos de objetivos:

- Analisar a relação da religiosidade com a saúde física e mental de idosos;
- Investigar o bem-estar subjetivo relacionado com o suporte social;
- Analisar as relações existentes entre suporte social e envolvimento social;

- Analisar a relação de satisfação com a saúde com a convivência e participação em grupos;
- Levantamento de estudos brasileiros sobre o apoio social em um determinado período, revisão bibliográfica sobre o bem estar subjetivo;
- Identificar fatores de risco para a perda da funcionalidade em idosos;
- Investigar as relações de vizinhança e suporte social;
- Descrever o perfil sociodemográfico e o suporte social;
- Analisar a relação da depressão em idosos e o suporte social;
- Analisar a família enquanto suporte social;
- Relação entre qualidade de vida e suporte social, apoio social;

Nenhum dos objetivos listados vai ao encontro do que propõe a seguir este trabalho sobre os processos educativos desencadeados a partir de uma prática social, apresentam relação com o tema e os objetivos aqui almejados, porém, em boa parte diferem dos objetivos deste estudo, mais uma vez existe uma lacuna a ser explorada, mesmo com a utilização de um novo descritor.

Acredito após os dados apontados anteriormente evidenciar a relevância acadêmica da pesquisa.

A relevância social desta pesquisa encontra-se na necessidade de novas investigações trazerem as reflexões dos idosos sobre o envelhecimento e os aspectos que o envolve, assim como sobre as necessidades de existências das redes de apoio e do apoio social efetivamente, uma vez que a existência das redes de apoio social não garantem a existência e efetividade do apoio propriamente dito.

No intuito de encorajar pesquisas que demonstrem a importância social de estudos na área do envelhecimento temos a criação da Agenda Internacional de Pesquisa em Gerontologia para o século XXI, instrumento desenvolvido no ano de 2002 e aceito na Segunda Assembléia Mundial sobre o Envelhecimento neste mesmo ano.

Este documento tem como característica a possibilidade de aplicações práticas e realistas dos achados em pesquisas desenvolvidas apontando prioridades de estudo e as áreas de aplicação.

O estudo desenvolvido aqui encontra-se na categoria de prioridade 6 (seis) da referida agenda. Estas categorias estão ligadas às indicações do Plano de Madrid Internacional

de Acção sobre o Envelhecimento. Em destaque nesta categoria está a necessidade de uma melhor compreensão sobre os determinantes de uma vida de qualidade e experiência de vida na velhice em contextos sociais, económicos, culturais e de desenvolvimento diferentes. Como área crítica de estudo temos a Participação Social e Integração, onde chama-se a atenção para o risco de exclusão social dos idosos na sociedade de hoje.

Com os dados da Agenda Internacional torna-se evidente a relevância social desta pesquisa, pois vai ao encontro dos temas discutidos internacionalmente sobre as prioridades e importâncias dos estudos sobre o envelhecimento, a visão dos idosos sobre o processo e a necessidade de pesquisas nesta área.

Para além da relevância a partir das buscas e dos apontamentos da Agenda Internacional, ainda podemos destacar a necessidade de se realizar novos estudos em áreas que não a da saúde. A configuração de grupos e os benefícios, como a aprendizagem, por exemplo, que eles podem proporcionar são importantes para compreendermos que o envelhecimento necessita de olhares para além dos aspectos físicos.

Demonstrar a necessidade da existência das redes de apoio para que o idoso encontre estratégias de enfrentamento na velhice é um ponto importante e o apoio social quando efetivo torna-se base imprescindível para uma vida de qualidade.

2. QUESTÃO DE PESQUISA E OBJETIVOS

Seguindo a linha de entendimento de que as pessoas interagem, se socializam e assim se formam continuamente a partir de todas as experiências das quais participam e vivenciam ao longo de sua trajetória de vida, identifica-se que em Práticas Sociais desenvolvem-se Processos Educativos².

Assim compreendemos que no desenvolvimento do apoio social em um grupo de idosos são desencadeados processos educativos nas relações. Evidencia-se, portanto, uma oportunidade de identificar os processos educativos desencadeados entre pessoas.

Em vista a minha trajetória de vida e de estudos, reflexões e inquietações, e a justificativa desenvolvida, apresento a seguinte questão de pesquisa: ***Que processos educativos se configuram na prática social do apoio social em um grupo de convivência de idosas?***

Este estudo tem por objetivo geral:

- Analisar os processos educativos que se configuram na prática social do apoio social entre pessoas em um grupo de convivência de idosas.

E como objetivos específicos:

- Identificar e descrever como se dá a prática social do apoio social em um grupo de convivência de idosas;
- Identificar, descrever e analisar os processos educativos que se dão na prática social do apoio social.

² No Referencial Teórico este entendimento será desenvolvido mais detalhadamente.

3. CAMINHO METODOLÓGICO

Esta pesquisa, de natureza qualitativa, tem como uma de suas características a aproximação entre pessoas, a que pesquisa e as que participam deste trabalho. Segundo Minayo e Sanches (1993, p. 244) “a pesquisa qualitativa se envolve com empatia aos motivos, às intenções, aos projetos dos atores, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações tornam-se significativas” (MINAYO; SANCHES, 1993).

A pesquisa qualitativa é rica em detalhes descritivos relativos a pessoas, locais e conversas e as questões a serem investigadas são formuladas com o objetivo de compreender toda a complexidade dos fenômenos em contexto natural. (BOGDAN;BIKLEN, 1994).

Considerou-se este estudo uma pesquisa qualitativa, pois nesta modalidade o pesquisador insere-se e dedica muito tempo ao trabalho no campo a ser estudado e o faz, pois se preocupa com o contexto, entendendo que as ações podem ser melhor compreendidas quando observadas em seu ambiente natural. Na coleta de dados usa-se da minuciosidade, exige-se que o mundo seja examinado com detalhes, observando potencial em tudo, considerando que pistas que permitam uma compreensão mais esclarecedora sobre os colaboradores ou objetos de estudo possam surgir. (BOGDAN;BIKLEN, 1994).

O pesquisador tem interesse pelo processo e não somente pelos resultados ou produtos, a pesquisa é descritiva e os dados incluem, por exemplo, as transcrições de entrevistas e as notas de campo. Os dados não são recolhidos com o objetivo de afirmar hipóteses, estas são construídas à medida que ocorre a coleta e que vão se agrupando os dados, o próprio estudo da estrutura a investigação. Na investigação qualitativa o plano é flexível. (BOGDAN;BIKLEN, 1994).

O participante, o outro, torna-se companheiro. A partir da convivência o pesquisador participa de sua vida, de sua cultura, de sua história, o trabalho leva o pesquisador não só a repensar a posição da sua pesquisa, mas também de sua própria pessoa. O diálogo está presente nessa relação e não pode ser resumido ao ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem da simples troca de ideia e muito menos da imposição da sua

verdade. É um ato de criação, pois trata-se do encontro de homens e mulheres a pronunciar o mundo. Não há diálogo sem humildade, deve-se estar aberto a contribuição dos outros, reconhecer estas contribuições (FREIRE, 2014; BRANDÃO, 1987).

Sobre esta dinâmica relação entre participante e investigador, Freire (1988, p. 35) nos traz:

[...] a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles, um conhecimento do conhecimento anterior, se torna um novo conhecimento. Se me interessa conhecer os modos de pensar e os níveis de percepção do real dos grupos populares estes grupos não podem ser meras incidências de meu estudo (FREIRE, 1988).

Como critério de inclusão dos colaboradores para este estudo foram utilizados o aceite em participar da pesquisa e das entrevistas com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e como critério de exclusão a recusa em participar por qualquer motivo e a qualquer momento.

A coleta de dados ocorreu por meio da observação participante, esta técnica consiste na inserção do pesquisador junto ao grupo investigado, fazendo assim parte dele e interagindo com os colaboradores no seu cotidiano, tendo a possibilidade de unir o participante ao contexto em que ele está inserido. Com a pesquisa participante pretende-se alcançar a experiência da criação coletiva de conhecimento, superando assim as oposições pré-estabelecidas e já conhecidas, como por exemplo, sujeito/objeto (QUEIROZ, et. al, 2007; BRANDÃO;STRECK, 2006). Segundo Brandão e Streck (2006, p. 8) trata-se de “pelo menos durante algum tempo, mudar de lugar, mudar de olhar e, se possível, mudar de pensar”.

A pesquisa participante, segundo Brandão e Streck (2006, p. 12), torna-se:

[...] um passo que inaugura um caminhar indispensável. Indispensável porque não mais o andar solitário de quem sabe para si, mesmo que também para ajudar a um outro, mas o andar coletivo de quem descobre que todo o saber que não se abre a ser uma vivência de partilha é um saber não-confiável, porque suas motivações podem ser pouco verdadeiras em um sentido humano, mesmo que suas descobertas sejam corretas e inovadoras, desde um ponto de vista científico. Falso, porque, como

lembrou Jean Piaget um dia: “eu não confio na pesquisa solitária, confio na pesquisa solidária.””

Esse tipo de pesquisa baseia-se na reciprocidade entre sujeito e objeto e relação dialética entre teoria e prática. A distância entre pesquisador e participante é eliminada ou minimizada, toma-se a realidade como objeto de investigação com criticidade, na tentativa de compreender esta realidade como totalidade construída a partir de múltiplas determinações (SILVA, 2006). Segundo Silva (2006, p.127), “a figura do pesquisador, portanto, não desaparece nem se dilui, mas entra em articulação com outros sujeitos que também passam a contribuir com o processo de construção do conhecimento”.

Como parte da coleta de dados foram realizadas anotações em diários de campo que são, segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 150), “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha”. Consistem em dois tipos: o descritivo que tem a preocupação em captar em palavras o local, pessoas, ações e conversas observadas e o reflexivo que foca mais o ponto de vista do observador, suas ideias e preocupações (BOGDAN;BIKLEN,1994). Os diários de campo foram confeccionados após cada inserção junto ao grupo, unindo ambos os tipos citados acima, o descritivo e o reflexivo.

No intuito de aprofundar a coleta de dados, utilizou-se a entrevista com roteiro semi-estruturado (APÊNDICE A). Esta estratégia foi adotada para recolher dados descritivos na fala dos próprios colaboradores da pesquisa, permitindo ser possível desenvolver uma ideia sobre as suas interpretações com relação ao tema pesquisado. Esta modalidade auxilia que os dados coletados não baseiem-se apenas nas interpretações do pesquisador e também dá a oportunidade do entrevistado legitimá-los (BOGDAN;BIKLEN, 1994, FRASER, et. al., 2004).

As entrevistas, compostas de 7 (sete) perguntas no formato aberto, foram previamente agendadas conforme disponibilidade e interesse dos colaboradores que determinaram o local de realização destas (residência ou salão da igreja) e, utilizou-se de gravação de áudio, previamente autorizada, e suas transcrições para auxiliar nas análises posteriores.

No total foram 27 (vinte e sete) encontros, sendo 12 (doze) aproximações com o intuito conhecer melhor sua rotina, dinâmica, apresentar-me, conviver e criar vínculo com o grupo, neste período foram realizadas observações e anotações. Foram 15 (quinze) o total das

inserções efetivamente com registros em diário de campo para posterior análise e organização dos dados e 5 (cinco) o total de entrevistas realizadas, pois estas foram as pessoas que se disponibilizaram após convite feito durante os encontros semanais.

Todos os aspectos éticos foram respeitados conforme resolução 196/96 regulamentada pelo Conselho Nacional de Saúde. Os colaboradores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, sendo um modelo específico para os alunos e outro para os professores (APÊNDICES B e C). Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFSCar, com parecer n. 1.015.754 (ANEXO I).

A análise dos dados ocorreu após leitura e releitura das anotações das aproximações e diários de campo confeccionados após as inserções, assim como a leitura e releitura das transcrições das entrevistas realizadas. Bogdan e Biklen (1994), orientam que a análise de conteúdo trata-se da busca e organização destas anotações e transcrições com o objetivo de ampliar a compreensão destes materiais e apresentar os resultados encontrados. Ainda segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 205):

A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.

Assim, realizou-se a organização e leitura de todo material destacando pontos considerados importantes, de repetição e que trouxesse ligação com a prática social do apoio social e os processos educativos identificados. Após este exercício foram nominadas as categorias de análise para construção e análise dos dados.

4. ENVELHECIMENTO, APOIO SOCIAL E PROCESSOS EDUCATIVOS: COMPREENSÕES TEÓRICAS

Observa-se nas últimas quatro décadas o aumento acelerado da população idosa no cenário mundial; no Brasil não ocorre de forma diferente. (GUERRA; CALDAS, 2010; MENEZES et. al, 2009). A transformação do envelhecimento em problema social ocorre a partir do momento que as dimensões sobre a velhice e o envelhecimento ganham destaque com a formulação de uma nova imagem na busca pela visão positiva sobre o processo, quando utilizam expressões como “terceira idade” no lugar de velhice ou aposentadoria ativa no lugar de aposentadoria passiva (DEBERT, 2006).

A terminologia velho é fortemente associada à decadência e com a incapacidade para o trabalho, ser velho pressupõe um indivíduo idoso e pobre. A partir do século XX observa-se uma mudança no que diz respeito aos termos utilizados para tratamento e também da percepção sobre as pessoas envelhecidas. O aumento significativo e rápido da população com 60 (sessenta) anos torna-se um problema social (PEIXOTO, 2006).

Um problema social se constrói socialmente. Primeiramente envolve a busca da atenção pública e a ação de grupos socialmente interessados para desenvolver ações sobre o problema, em seguida busca-se promover e inserir o problema no campo das preocupações sociais do momento, o próximo passo visa estudar os sujeitos que podem representar o grupo ou os interesses gerais empenhados em denunciar questões determinadas, no caso dos velhos ganham uma atenção especial, pois estes não dispõem de meios sociais ou instrumentos para expressão pública e por fim, nesta construção, novas definições são criadas (DEBERT, 2006).

Neste sentido, Debert (2006, p. 64), nos aponta:

O discurso sobre a terceira idade, assim, não acompanha simplesmente processos de mudanças objetivas. Pelo contrário, deve ser entendido como parte constitutiva dessas mudanças. Ele contribui para acelerar e direcionar processos, na medida em que opera reclassificações que são constitutivas das formas de gestão do envelhecimento.

A chamada “terceira idade” é uma criação mais recente das sociedades orientais, é uma nova etapa, que está entre a idade adulta e a velhice e vem acompanhada de um conjunto de práticas, instituições e especialidades com a responsabilidade de atender às suas necessidades. (DEBERT, 2006).

A partir destas mudanças de olhar sobre o fenômeno do envelhecimento, Debert (2006, p. 63) afirma:

Não se trata mais apenas de resolver os problemas econômicos dos idosos, mas de proporcionar cuidados culturais e psicológicos, de forma a integrar socialmente uma população tida como marginalizada.

O termo idoso passa a ser utilizado no lugar do termo velho, transformando o indivíduo em um ser mais respeitado. O que antes, segundo Peixoto (2006, p.74): era considerado como “problemas dos velhos passam a se constituir como necessidades dos idosos”, por exemplo. O aposentado que antes ficaria sem nenhuma atividade agora é visto com a oportunidade de manter-se ativo, com atividades de seu interesse. A velhice muda para uma nova etapa da vida, com o sujeito ativo e independente, como sinônimo da “terceira idade” (PEIXOTO, 2006).

Em decorrência desse fenômeno, o envelhecimento torna-se assunto de discussão nas áreas de política de saúde e social, aumentando a preocupação com os idosos e despertando o interesse de estudiosos para a temática do envelhecimento (FERREIRA et. al, 2010; SOUZA et. al, 2002).

Essas reflexões se fazem presentes em nosso país após a realização de eventos relacionados com o tema sobre os idosos, como por exemplo, o Congresso Mundial sobre o Envelhecimento, coordenado pela ONU, no ano de 1982 e a promulgação da Constituição Federal em 1988 onde os direitos dos idosos foram descritos no capítulo da assistência visando uma desfragmentação das políticas sociais (SANTOS, 2015).

De forma geral, segundo imaginário e interpretação da sociedade mais ampla, o envelhecimento é um processo que acarreta inúmeras perdas, sejam elas ligadas às limitações físicas, bem como relacionadas à participação social. Pode-se considerar que essa é uma visão preconceituosa sobre o envelhecimento, dada a falta de informação e conhecimento sobre o

processo, o que gera significados e imagens negativas sobre as pessoas idosas, podendo levá-las à situações de exclusão e marginalidade no seio da sociedade (GUERRA; CALDAS, 2010; MOTTA, 2006).

Em nossa sociedade o envelhecimento é visto segundo diversas interpretações e estas variam de acordo com fatores como a cultura e o contexto social, por exemplo. Segundo Araújo et al (2005, p. 122):

Todos os fenômenos que emergem do contexto social são investidos simbolicamente, ou seja, recebem nomes e significados que os avaliam, explicam e lhes dão sentido. Assim, a representação social da velhice, que faz parte do cotidiano social, recebe significados desde os mais longínquos tempos, fazendo parte dos aspectos socioculturais e históricos dos idosos de grupos de convivência. Esses significados, à medida que circulam, transformam-se e assumem formas diferentes de acordo com os modelos vigentes em uma determinada época e formação social.

O processo de envelhecimento é subjetivo, pode-se compreender portanto, que a forma com que o indivíduo vai encarar e interpretar esta etapa da vida é particular. Diversos fatores influenciam nesta condição, como por exemplo, os aspectos culturais e da história de vida de cada sujeito individualmente (GUERRA; CALDAS, 2010).

Sobre a construção do ser no processo de envelhecimento evidencia-se que não ocorre em isolamento, segundo Freire (2013, p.53),:

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo.

Existem muitas formas de ver o processo de envelhecimento e a velhice, deve-se considerar que existem diversas formas de ver e ser variando de acordo com situações sociais e culturais, por exemplo. Isto nos permite compreender que não devemos generalizar conceitos e visões (DEBERT, 2006).

Em nossa sociedade, ocidental e capitalista, este envelhecimento não é visto como positivo, uma vez que valoriza-se a produtividade e a velhice por não corresponder a esta demanda, não produzindo riqueza, ou seja, produtos e serviços, perde o seu valor e torna-se marginalizada (MENDES et. al, 2005).

A velhice marginalizada torna-se exterioridade. Dussel (1977) teoriza que a totalidade vigente coloca-se a si mesma como o centro do mundo, em posição de dominação. A partir desta afirmação de Dussel entendo que a totalidade considera valorosa a pessoa produtiva, excluindo o idoso por considerar que este não se encaixa em seus padrões. Para o autor (1977, p. 58) nesse processo, “[...] aliena-se o ser do outro ao desloca-lo do seu próprio centro; ao fazê-lo girar em torno do centro da totalidade alheia, ele se torna propriedade do centro”. A totalidade torna-se razão dominadora.

Sobre a relação entre pessoas nesta sociedade em que vivemos e suas exclusões, sobre a totalidade dominadora e opressora Freire (2014, p. 62) coloca que:

[...] para eles, pessoa humana são apenas eles (*os dominadores, a totalidade*). Os outros, estes são “coisas”. Para eles, há um só direito – o seu direito de viverem em paz, ante o direito de sobreviverem, que talvez nem sequer reconheçam, mas somente admitam aos oprimidos. E isto ainda porque, afinal, é preciso que os oprimidos existam, para que eles existam e sejam “generosos”...

Em contrapartida, de acordo com Dussel (1996) desponta a exterioridade sendo que resiste aos processos de dominação, dado que não é coisa. É alguém, o outro que quer ser livre, porém, que está condicionado pelo sistema do mundo. Onde existe a opressão, há resistência, fazendo emergir movimentos que vão de encontro às imposições sofridas. A partir desta visão de Dussel, me é permitido olhar para os grupos de convivência de idosos como espaços onde a resistência é exercida desta maneira pelos idosos. Neles, as relações entre pessoas amplia a possibilidade de alcançar uma vida de qualidade e a inserção dos idosos e acompanhamento destes grupos proporcionam aspectos positivos para a sua vida e ampliam o seu convívio social (MENDES et al, 2005).

Tal convívio, segundo Mendes (2005, p. 426) permite “a troca de carinho, experiências, idéias, sentimentos, conhecimentos, dúvidas, além de uma troca permanente de afeto, estimulando o pensar, o fazer, o dar, o trocar, o reformular e o aprender”. É importante que o idoso esteja envolvido em atividades que o façam sentir-se útil, sendo que lhe proporcionem prazer e felicidade.

Apesar do idoso necessitar de uma atenção integral, zelando-se não apenas pelo seu bem estar físico, mas também psicológico e social, evidencia-se uma preocupação sempre maior com aspectos relacionados à saúde do idoso do que os relacionados a outras áreas

como, por exemplo, os aspectos sociais (COMBINATO, 2010). Pode-se observar a implementação de leis e projetos particularmente voltados para a área da saúde, como o Pacto pela Vida, em Defesa do SUS e de Gestão (Ministério da Saúde, 2006) e na Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI) (Ministério da Saúde, 2006). Observa-se que as políticas são recentes e formuladas sem a participação dos idosos que poderiam apontar suas reais demandas e necessidades mais urgentes. Sendo assim estas políticas não se efetivam no dia a dia dos idosos e outras alternativas, como os grupos de convivência de idosos, são utilizados pensando na manutenção de sua saúde e convívio social.

É a Política Nacional do Idoso (Lei n. 8.842, 1994), que vem assegurar os direitos dos idosos na sociedade a partir da criação da Constituição, nela está estabelecida a criação de espaços de convivência para convivência e tem como uma de suas metas evitar que o idoso seja colocado em asilo (SANTOS, 2015; BRASIL, 1994).

Foi durante o segundo Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento acontecer no ano de 2002, que o Brasil assumiu o compromisso de cumprir as recomendações sugeridas no evento, tais como, segundo Santos (2015, p. 44): “ a participação ativa dos idosos na sociedade e no desenvolvimento; o acesso dos idosos ao conhecimento, à educação e à capacitação; a erradicação da pobreza, do abandono, dos maus tratos e da violência contra a pessoa idosa”. O que levou à construção e promulgação no ano seguinte do Estatuto do Idoso, Lei n. 10.741 de 2003, que avançou nos direitos sociais da pessoa idosa ao declarar como obrigação da sociedade, da família, do poder público e da comunidade, assegurar o convívio familiar e comunitário do idoso (SANTOS, 2015; BRASIL, 2003).

Os grupos de convivência para terceira idade são criados na década de 70 inicialmente pelo SESC, com o objetivo de preencher o tempo livre de pessoas aposentadas e esse modelo se espalhou por todo o país. Esse equipamento foi se moldando com o tempo na busca por uma visão positiva atrelada a velhice e ao envelhecimento, movimento também que esteve presente na conquista pelos direitos e construção de novas políticas específicas para os idosos (SANTOS, 2015; DEBERT, 1999).

Estes grupos de convivência de idosos são definidos como locais destinados a participação dos idosos no período diurno para realização de atividades físicas, recreativas e culturais, por exemplo. São espaços que favorecem a convivência entre idosos nas

comunidades, incentivam a sua participação social e geralmente tem a sua realização em salões comunitários de associações, salões de igrejas, dentre outros (SANTOS, 2015).

Considera-se a participação em grupos como possibilidade também para construção das práticas sociais, por aqueles que participam delas ativamente em suas diversas áreas (culturais, políticas, históricas, entre outras), sua duração ou objetivos dependem dos sujeitos envolvidos e estes não são apenas espectadores ou receptores, as práticas sociais podem segundo Oliveira et al (2014, p. 34):

[...] se constituir em ações de grupos e comunidades que visam à transformação de realidades que identificam como injusta, discriminatórias e opressivas. Podem também direcionar à manutenção de iniquidades, à renovação de critérios para dividir as pessoas em “mais” e “menos” humanas, com mais ou menos poder, muitas vezes sob a aparência de generosidade que encobre o desejo de subjugar, negar a humanidade de cada pessoa [...].

Os grupos de convivência se configuram como espaços sociais onde os idosos podem desenvolver suas relações sociais, sendo um meio de expressão, participação e aprendizagem, pois a convivência se faz em meio a trocas de experiências e vivências, como o pessoal, de trabalho, família, conhecimentos e construção da cidadania (SANTOS, 2015). A partir desta convivência, interagindo e se socializando os sujeitos permitem que a partir das práticas sociais ocorram processos educativos, o que configura as próprias práticas sociais como espaços educativos. Entende-se portanto que os processos educativos fazem parte da vivência do ser humano no mundo, aprende-se vivendo (OLIVEIRA et al, 2009; RIBEIRO JUNIOR, 2009).

Os grupos de convivência para terceira idade tem como um de seus objetivos a promoção e manutenção da saúde da pessoa idosa almejando uma melhor qualidade de vida durante o processo de envelhecimento e a velhice, considerando-se os colaboradores do grupo como fazendo parte de um envelhecimento saudável (SANTOS, 2015).

No âmbito da saúde, Teixeira e Neri (2008) afirmam que não existe uma definição consensual sobre o conceito de envelhecimento saudável, alguns autores utilizam o termo envelhecimento bem-sucedido no mesmo sentido e são vários os critérios utilizados para mensurar tais definições, como por exemplo, a capacidade funcional, o déficit cognitivo, engajamento social, entre outros.

Para auxiliar na formulação de tais conceitos, levando em conta que a definição não é consensual, a que se considerar a percepção dos próprios idosos, uma vez que o envelhecimento se trata de um processo subjetivo. Estudos mostram, por exemplo, que ao aplicar um estudo qualitativo os idosos responderam considerar-se bem-sucedidos ou saudáveis, mesmo tendo doenças crônicas, problemas físicos, cognitivos e comorbidades, o que poderia não ocorrer segundo a visão de um estudioso da área, por exemplo (TEIXEIRA; NERI, 2008).

Desta maneira, podemos compreender que o conceito e a definição do envelhecimento chamado de bem-sucedido vão além dos aspectos físicos. Segundo Teixeira e Neri (2008, p. 87) ao citar Strawbridge et. al. (2002), “a integridade da saúde física e a capacidade funcional são componentes importantes do envelhecimento bem-sucedido, mas uma definição não pode limitar-se a esses fatores”.

As práticas sociais podem, neste sentido, permitir a construção dos sujeitos, de diferentes gêneros, crenças, culturas, escolaridades, faixas etárias, classes sociais e orientações sexuais, a partir das experiências vivenciadas por cada um. Levam a formação das identidades dos sujeitos, e ainda segundo Oliveira, et. al. (2009, p.6):

As práticas sociais nos encaminham para a criação de nossas identidades. Estão presentes em toda a história da humanidade, inseridas em culturas e se concretizam em relações que estruturam as organizações das sociedades. Permitem, elas, que os indivíduos, a coletividade se construam.

Em nossa sociedade, por motivos culturais de crenças e valores a velhice ainda tem a sua imagem associada à negatividade, segundo Ferreira e Silva (2012, p. 34) “protagonizando a inatividade, a exclusão, o afastamento, a doença e os mais diversos olhares pejorativos”. No entanto, vem ocorrendo mudanças em nossa sociedade com relação à imagem da pessoa idosa, com o aumento da expectativa de vida, a imagem relacionada às limitações e incapacidades vem se transformando, ganhando uma visão positiva (FERREIRA; SILVA, 2012).

Em nosso momento atual, nossa sociedade passa por mudanças e novidades (tecnologias, meios de comunicação, entre outros) surgem rapidamente a todo instante. Os idosos de nossa sociedade, que nem sempre estão engajados com estas mudanças e novidades, podem ser excluídos da vida social. É motivo de preocupação o afastamento da vida social,

pois esta está diretamente ligada a dignidade humana como afirmam Junqueira e Rocha (2013, p. 263) “uma vivência harmoniosa, a realização na convivência social, a solidariedade [...], a promoção da vida digna, são os aspectos mais relevantes para a defesa da dignidade humana”.

Estes autores ainda afirmam:

As constantes transformações humanas e mudanças da sociedade são provocadas particularmente pelo progresso tecnológico e pelos avanços científicos, colocando à disposição da sociedade possibilidades magníficas de ascensão em todos os aspectos. Portanto, na sociedade atual, é urgentíssimo ter presente o resgate do ser, apesar de que tudo ao redor indique a supremacia do ter (JUNQUEIRA; ROCHA, 2013, p. 263).

É nessa situação que nasce e cresce a necessidade de consumo da sociedade, a individualidade ganha espaço, cria-se na maioria das vezes ilusórias necessidades, o que forma o mercado de consumo. Surge a crise da vida precária chamada por Zygmunt Bauman de *vida líquida*.³ A vida líquida, segundo o autor é uma vida de consumo, tudo no mundo se transforma em objeto passível de ser consumido e enquanto consumido este perde a sua utilidade. Não se considera a situação que hoje encontramos apenas na indústria de consumo, seria inocente e errôneo, apenas é essa indústria que se encontra afinada com a vida moderna atual. (BAUMAN, 2005). Nesse contexto Junqueira e Rocha (2013) e Brandão (2005) identificam a luta entre a qualidade de vida, o ter, fazer, conseguir, conquistar e a vida de qualidade, com o ser, criar, realizar, ausente de indicadores materiais.

Não se trata mais de um processo de aprendizagem, valorizando os percursos da vida, ao contrário parece uma cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento (BAUMAN, 2005). Trata-se de existir possibilidades que proporcionem aprendizados por toda a vida, o que acarretará em um futuro com qualidade, em todas as faixas etárias, pois desenvolve-se um enriquecimento cultural. (GOULART; FERREIRA, 2012).

Em nossa sociedade a visão sobre os idosos e o envelhecimento tem se transformado, segundo Bosi (1979, p. 34):

³ Vida líquida termo usado por Zygmunt Bauman para traduzir a ansiedade e a angústia da humanidade na atual condição sociocultural marcada pelas infinitas possibilidades e pela falta de solidez nas relações. Uma forma de vida sem compromissos, sem vínculos, sem laços e sem história.

Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar. Uma variante desse comportamento: ouvimos pessoas que não sabem falar aos idosos senão com tom de protetor que mal disfarça a estranheza e a recusa.

Neste processo a educação libertadora surge como forma de enfrentamento da desigualdade e merece uma forma diferente de pensar, pois encaminha, segundo Junqueira e Rocha (2013, p. 258) “a liberdade, ao crescimento, à autonomia, à emancipação e a conscientização”. Esta educação que busca tornar o sujeito protagonista do processo como um todo, tornando-se responsável pela sua própria caminhada e construção, pois segundo Fiori (2014, p. 55) “as estruturas podem aprisionar o homem ou propiciar sua liberação, porém, quem se liberta é o próprio homem” (JUNQUEIRA; ROCHA, 2013).

A educação libertadora, contrária a da dominação, propõe a reflexão sobre a relação do homem com o mundo, a relação em que mundo e consciência se dão ao mesmo tempo, pois não existe o homem desligado do mundo (FREIRE, 2014).

Quando a educação foge ao modelo bancário, podemos observar a dinâmica de que todos aprendemos juntos e que educamos ao mesmo tempo. O valor do conhecimento ou dos saberes dos excluídos podem ser transmitidos quando há participação e relação de trocas (FREIRE, 1987).

O apoio social desponta com grande importância no grupo de convivência de idosos, a partir da convivência e trocas, nestas relações pode-se constatar a existência do apoio efetivo e também características que o definiram como prática social, é nestas interações que a partir da prática social é permitido a ocorrência de processos educativos.

Partindo do entendimento de que as práticas sociais se desenrolam entre indivíduos, ambiente natural, social e cultural, se desenvolvem em grupos, instituições e tem como intenção, segundo Oliveira et. al. (2014, p.33), [...] produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas. podemos considerar o apoio social então inserido nesta categoria.

Os primeiros estudos sobre o apoio social tiveram início na segunda metade da década de 50 onde demonstravam os efeitos do apoio social sobre diferentes estressores. Na década de 70 o enfoque passou para as abordagens empíricas e realistas, nestas abordagens o

apoio social faz parte das ações entre sujeitos gerando significados, e ainda, segundo os autores,

[...] abre espaço para que o senso comum, movido pelas tradições, crenças e conhecimentos, se expresse nas significações do apoio social nas vivências cotidianas, diferenciado do conhecimento erudito (CANESQUI;BARSAGLINI, 2012, p. 1104).

Uma grande discussão sobre o tema toma importância na década de 80 nos Estados Unidos em torno do que é chamado *social support*, ou seja, apoio social, devido à crise de saúde pública existente naquele momento. A partir de então, torna-se tema de discussões em âmbito nacional sobre a relação do apoio social e os problemas de saúde-doença, respeitando as diferenças de cada país. Neste período também despontam as publicações sobre o tema na área acadêmica (LACERDA;VALLA, 2003; LACERDA, 2002; VALLA, 2000).

O apoio social tem diferentes definições, não há um consenso e para este trabalho adotaremos a definição de Valla (1999, p. 10), que segue:

Apoio social se define como sendo qualquer informação, falada ou não, e/ou auxílio material oferecidos por grupos e/ou pessoas que se conhecem e que resultam em efeitos emocionais e/ou comportamentos positivos. Trata-se de um processo recíproco, ou seja, gera efeitos positivos tanto para o recipiente, como também para quem oferece o apoio, dessa forma permitindo que ambos tenham mais sentido de controle sobre suas vidas.

O apoio social contribui, a partir da solidariedade e do apoio mútuo, para a manutenção da saúde dos indivíduos, permitindo segundo Valla (2000, p. 41) que “as pessoas contornem a possibilidade de adoecer como resultado de determinados acontecimentos, como, por exemplo, a morte de alguém da família, a perda da capacidade de trabalhar, ou um despejo da casa onde se reside por muitos anos” A reciprocidade é componente importante e fundamental nesta relação, existe uma troca na qual são beneficiadas as pessoas que recebem e as pessoas que oferecem apoio (CANESQUI;BARSAGLINI, 2012; GONÇALVES et al, 2011, VALLA, 2000).

Valla (2000, p. 42), baseado nos textos de Cassel (1974), nos diz que o apoio social surge com a proposta de que os indivíduos são influenciados de maneira subjetiva e que os apoios disponíveis têm a possibilidade de influenciar positivamente proporcionando proteção contra “o aparecimento de doenças, oferecendo melhorias de saúde física, mental e emocional”.

O envolvimento com atividades caracterizadas como apoio social pode ser um fator positivo no aumento da confiança, na satisfação com a vida e na capacidade de enfrentar problemas, assim podemos pensar o apoio social como tendo efeitos na prevenção e manutenção de doenças (VALLA, 1999).

Alguns pesquisadores destacam como suas principais dimensões o apoio emocional, instrumental, informacional e cognitivo, mais especificamente, segundo Resende et. al. (2010, p. 595):

O apoio emocional relaciona-se à percepção de ser cuidado, apoiado e valorizado por alguém afetivamente disponível, ao que as pessoas fazem ou dizem a alguém (dar conselhos, ouvir seus problemas, mostrar-se empático e confiável). O apoio instrumental ou material refere-se à assistência prática e direta na realização de atividades concretas ou resolução de problemas, as ajudas tangíveis ou práticas que outros (pessoas ou instituições) podem prover a alguém. O apoio informacional relaciona-se com a obtenção de informações e conselhos úteis para lidar com situações ou resolver problemas, para que o indivíduo possa guiar e orientar suas ações. Por fim, o apoio cognitivo auxilia na autoafirmação e refere-se a uma postura ativa de incentivo, escuta e reforço positivo dado por alguém.

É um conceito multidimensional, podendo ser classificado, segundo Sousa et. al. (2010, p. 626), conforme as seguintes características: “direção (recebido ou fornecido); disposição (disponível ou executado); forma de medição (descrito ou avaliado); conteúdo (emocional, instrumental, informativo, avaliativo); rede social (família, amigos, vizinhos, companheiros de trabalho, comunidade e outros)”.

Desempenha papel importante, de forma direta, por exemplo, quanto maior o nível de apoio social menor o mal estar ou indireta, funcionando como um moderador sobre outras ações que influenciam no nível de bem-estar das pessoas. Ele varia conforme as etapas da vida, por exemplo, o apoio recebido na infância é diferente daquele que se faz necessário na velhice. Estudar a disponibilidade deste apoio para idosos faz-se importante para conhecer como estes vivem e quais efeitos podem existir nesta relações (SOUSA et al, 2010).

O apoio social demonstra ter grande impacto sobre muitos aspectos da vida dos indivíduos. Avaliações pessoais têm indicado que o apoio recebido se relaciona com desfechos positivos na saúde física e mental, influenciando na maneira de encarar diversas situações, como por exemplo, situações de estresse, bem estar emocional e inclusive a longevidade, que pode ser período de difícil enfrentamento (GONÇALVES et al, 2011).

Atualmente em nossa sociedade, os valores individuais e competitivos tem ganhado destaque em contraponto com ações solidárias e cooperativas. Baseados em texto de Castells (1997) afirmam que as sociedades globalizadas e informatizadas são desiguais e excludentes o que dificulta a existência do apoio social, pois este existe nas relações entre indivíduos e grupos. (CANESQUI;BARSAGLINI, 2012).

A maior atomização dos indivíduos, a desintegração e a fragmentação movidas pelas mudanças da sociedade moderna ampliam o isolamento social, a pobreza e a exclusão social, aliadas à desconfiança mútua, ao baixo associativismo, nos países em desenvolvimento, minados na solidariedade horizontal (CANESQUI;BARSAGLINI, p. 1111).

Canesqui e Barsaglini (2012), em seu artigo evidenciam que os estudos nacionais e internacionais dialogam entre si, embora a literatura internacional seja mais antiga e por isto também mais ampla, diversificada e empírica, enquanto que na literatura nacional as discussões são emergentes e os estudos qualitativos tem maior presença. Estas mesmas autoras apontam o apoio social como sendo, “elemento de integração e coesão social, promotor da autoestima; como informação escrita ou não, material e econômica; de proteção, promoção da saúde e participação social; redutor do estresse e transcendente ao cuidado” (CANESQUI;BARSAGLINI, 2012, p. 1110).

O conceito não deve, no entanto, ser usado genericamente, pois está associado à ideia de auxílio e proteção, que são subjetivos e traz consigo uma concepção de sociedade que deve “considerar o contexto político, econômico e cultural no qual está inserido” (MARTIN, 2012, p. 1115), construindo o que é aceitável e não aceitável, moral ou imoral, entre outros, para determinada sociedade, grupo ou coletivo. Além de considerar o quanto um grupo ou uma sociedade valorizam o indivíduo ou a coletividade (MARTIN, 2012).

As concepções de individualismo e coletividade trazem também ideias sobre as sociedades que podem ser algumas vezes estereotipadas ou mal formuladas. Não podemos

generalizar o individualismo descrito como característica de todas as sociedades ocidentais, é preciso ter cuidado. Da mesma forma deve-se ter cuidado com o uso do termo apoio social, não se deve considerar como se simplesmente a existência deste já signifique ser um efeito positivo sobre quem o recebe. Ter família e vizinhos presentes, por exemplo, não significa necessariamente que o apoio social é existente em algumas situações, depende de fatores como o grau de participação desta família e dos vizinhos e também do envolvimento de quem recebe o apoio (MARTIN, 2012).

A falta ou a insatisfatória execução de políticas públicas no Brasil tem como uma de diversas consequências, a existência de sujeitos desassistidos e estes sentem a necessidade de buscar estratégias para atender às suas necessidades (ALEXANDRE, 2011)

A partir destas necessidades pessoais, destas fragilidades, surgem as demandas de apoio social e constroem-se redes, estas redes de apoio social são constituídas pela família, serviços de saúde, grupos onde os indivíduos se inserem, entre outros, todos com características de troca (dar e receber) entre os colaboradores, com desfechos maioritariamente positivos (GONÇALVES, et. al, 2011; PIGNATTI, et. al., 2011; MOTA, 2010). Os que compõem a rede contribuem para aspectos importantes a cada indivíduo, como por exemplo, “saúde, adaptação psicológica, percepção de bem-estar, redução do mal estar, longevidade e mortalidade, satisfação com a vida” (RESENDE, 2010, p. 596).

Redes Sociais de Apoio, que ainda segundo Alexandre (2011, p. 242):

[...] são sistemas organizacionais que reúnem indivíduos e instituições de forma democrática e participativa em torno de objetivos comuns, permitindo a convivência entre os integrantes de uma rede e os laços de afinidade e de apoio social entre eles.

Segundo Resende et. al. (2010) baseado no texto de Resende e Rabelo (2004), a inserção em grupos de atividades com pessoas da mesma faixa etária, como por exemplo os grupos de idosos, mostra-se importante para construção do apoio social e suas redes, favorecendo o bem-estar individual e coletivo, sendo uma maneira de vivenciar o envelhecimento de forma positiva. O apoio social auxilia não somente na inserção social do indivíduo, mas como também nos aspectos de enfrentamento e interpretação na relação saúde-doença (VALLA, 1999).

Com base em todos os referenciais teóricos expostos neste capítulo segue-se a busca por compreender a prática social do apoio social e os processos educativos que se configuram no grupo de convivência de idosas, a partir da coleta de dados e análise destes.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo traz reflexões a partir da coleta realizada em campo, desde as aproximações, passando pelas inserções e chegando as entrevistas realizadas com as idosas do grupo de convivência. Os dados coletados nestas inserções foram transcritos para posterior análise.

Para análise dos dados obtidos, foram realizadas leituras dos diários de campo confeccionados durante as 12 (doze) aproximações e as 15 (quinze) inserções que ocorreram no período de 09/2014 à 06/2016, assim como análise das transcrições das 5 (cinco) entrevistas realizadas entre os anos de 2015 e 2016, observando os pontos de destaque que surgiam como repetição ou com características semelhantes nas falas e anotações realizadas para construção das categorias e no conteúdo geral das anotações e transcrições para a análise dos dados. Foram feitas anotações sobre estas percepções relacionando a prática social estudada e aos processos educativos que se desencadeiam.

Primeiramente trouxe uma explanação sobre aspectos gerais observados durante as aproximações e as inserções realizadas e, posteriormente, a análise com maiores aprofundamentos.

As legendas para melhor acompanhamento e compreensão das citações encontram-se em nota de rodapé.⁴

5.1 Aproximações e Inserções: Aspectos gerais observados.

No primeiro contato, ao chegar, em círculo após oração em grupo, a professora pediu um minuto da atenção das idosas para que eu pudesse falar. Após esta abertura de espaço pela professora, me apresentei junto ao grupo, falei sobre os motivos da minha

⁴ APROX.: Refere-se a trechos retirados de anotações durante o período de aproximação.

D.C.: Refere-se a trechos retirados dos registros em diários de campo.

ENTREVISTA: Refere-se a trechos retirados de entrevistas.

permanência junto a elas, expliquei quais eram os objetivos da pesquisa realizada e me coloquei à disposição para qualquer dúvida, assim como para ajudar no que fosse preciso durante as atividades.

Semanalmente eram desenvolvidas atividades diferentes, alternam entre atividade física, de artesanato e outras, como diz a professora, para exercitar o cérebro, que são as atividades cognitivas. O quadro que segue traz exemplos das atividades desenvolvidas durante os encontros, neste grupo:

ATIVIDADE FÍSICA	ATIVIDADE ARTESANATO	ATIVIDADE COGNITIVA
Alongamentos Caminhadas Ginástica Dança	Confecção de bolsas com caixas de leite; Confecção de vasos com caixas de leite; Confecção de porta agulhas de feltro em formato de coruja; Pintura em tecido (panos de prato); Toalhas de crochê	Pintura de mandalas e outros desenhos; Jogo dos erros; Caça palavras; Quebra cabeça; Caça ao tesouro (em desenhos no papel); Jogo do labirinto (em papel); Caminhar com símbolos (usando o espaço físico); Raciocínio lógico (contas, cálculos, símbolos); Jogo de trocar símbolo por letras

Fonte: Própria autora.

Participando das atividades semanalmente e interagindo com as idosas, pude me aproximar efetivamente, criando uma relação de confiança, entendendo que para além da pesquisa a ser realizada, estava nestes momentos fazendo parte do grupo e a professora

procurava me envolver em todas as atividades desenvolvidas, permaneci ajudando conforme sua solicitação. Como Freire (1988), nos aponta, não é possível fazer pesquisa sem a convivência, sem estar com o outro, para que eu possa conhecer a realidade do outro é preciso que eu participe dela. Sobre a inserção, Oliveira et. al (2009, p. 11), nos apontam:

[...] deve se dar na tentativa de assumir o lugar de um integrante, procurando olhar, identificar e compreender os processos educativos que se encontram naquela prática social. Isto só é possível quando somos acolhidos, nos dispomos a ser acolhidos e a acolher. Participar com a intenção de compreender, não para julgar. Esta inserção é insuficiente, se ficar apenas no olhar e não houver participação ou se ficar apenas na procura de resultados, sem se perguntar sobre o processo.

No período de aproximações que corresponde de setembro/2014 a junho/2016, muito foi apreendido sobre o grupo e suas participantes, detalhes importantes sobre a dinâmica do grupo e suas características, por exemplo, para posterior coleta com registro em diário de campo, alguns pontos importantes quanto a dinâmica da pesquisa e observações a serem realizadas foram levantados.

Desde o início das atividades junto ao grupo foi observado que todas participavam das decisões sobre as atividades e sobre demais propostas que pudessem surgir, as decisões eram coletivas e todas tinham voz, tinham o seu momento de falar. A convivência e o diálogo presentes entre as pessoas, baseadas na confiança, na humildade, no respeito, apoiados na dialogicidade, na construção umas com as outras e não em detrimento umas das outras, o que resulta na humanização das relações (OLIVEIRA, STOTZ, 2004, FREIRE, 2014).

Nem sempre a organização era fácil, pois se tratava naquele momento de um grupo de aproximadamente 40 (quarenta) idosas, que conversavam muito entre elas e não ouviam as orientações da professora e os pedidos de silêncio, mas aos poucos a professora e as alunas conseguiam se organizar, conversar e decidir o que era preciso em cada momento.

Em conversas com algumas pessoas, ouvia recorrente relato de que antes de começarem a frequentar o grupo ficavam em casa com bastante tempo livre, o grupo trazia a oportunidade de ocupar o tempo de forma prazerosa, além de oferecer outras diversas atividades (artesanato, passeios, cognitivas e rodas de conversa) que as idosas diziam acrescentar de forma positiva em suas vidas.

Não existe uma obrigatoriedade de frequência no grupo, as idosas não tinham limite de faltas e não corriam o risco de perder a sua vaga. A “chamada” feita pela professora era para melhor acompanhar os motivos da ausência de cada uma, quais eram os problemas pelos quais cada uma estava passando (marido doente, doença, internação), para caso precisassem de algum auxílio ou apoio extra, que o grupo ou ela, a professora, pudessem se organizar para ajudar. O número de adesão semanal se mantinha, as idosas não deixavam de ir e participar.

Em alguns momentos foi perceptível o cansaço da professora, quando precisava falar muito alto ou chamar atenção das idosas várias vezes para que se concentrassem no que estava sendo proposto, observando que ela também é uma pessoa idosa, “chegou” aos 60 (sessenta) anos em 2015, então temos uma idosa, professora de um grupo de idosos, seguindo a categorização cronológica de idade para ser considerado idoso em nosso país. Ela pessoalmente relata que sente estar cansada, que já não tem o mesmo “pique” de antes, que as limitações estão chegando.

As idosas sempre chegavam dispostas e animadas, por diversas vezes observei em suas falas o apoio e suporte que dão para a família, (cuidam dos netos, dos filhos, fazem almoço para a família, organizam roupas), nunca de forma negativa, sempre comentavam que fazem porque gostam e fazem com carinho. Importante observar o apoio que oferecem, para as famílias e suas dinâmicas, essencial. O apoio também possibilita desfechos positivos para quem o oferece e não apenas para quem recebe, característica do apoio social (VALLA, 1999).

Ao perguntar ao grupo, em uma grande roda, sobre os motivos que as fazem frequentar aquele espaço, faça chuva ou sol, quais as suas motivações, ouço relatos que remetem fortemente ao apoio que ali encontraram, melhoras significativas em sua saúde e o convívio com outras pessoas, alguns exemplos destas falas são destacados a seguir:

“Eu venho aqui porque aqui me sinto bem, antes vivia triste e depressiva, depois do grupo só melhorei e não abro mão”.

“Eu venho porque adoro a professora e me faz bem”.

“Eu venho porque é um espaço que é nosso, nosso direito, sinto que é o meu lugar”.

“Eu reorganizei todos os meus horários para poder vir aqui, só melhorei de tudo o que eu tinha”.

“Eu venho pelas pessoas, pelas amigas, porque em casa fico sozinha e não é bom”.

(APROX. 08/12/2015)

O fato de chegarem sempre dispostas, sorridentes, determinadas, independente do clima, horário, quantidade de alunas, tudo isso me fazia pensar o quanto consideram importante a sua participação nas atividades do grupo.

A partir dos momentos de inserção consegui perceber o vínculo criado junto ao grupo, pois depois das aproximações realizadas, me sentia acolhida e parte daquele conjunto de pessoas que alí se encontravam semanalmente. Ponto importante para a pesquisa que se faz com os sujeitos e não sobre estes, a construção de vínculos que depende destes laços para sua efetivação. Para que seja possível uma construção de mundo, é necessário que se faça a partir da convivência, e na convivência os laços se estreitam, formam-se relações de respeito e reciprocidade (FREIRE, 1988).

Vínculos e laços que se dão a partir da convivência, um processo que exige paciência e disposição de tempo, pois não ocorre de uma hora para outra, é necessário conviver para assim estreitar laços (OLIVEIRA et. al, 2009). O conviver é fazer parte, estar junto, se relacionar e que segundo Oliveira e Stotz (2004, p.5) para que essa convivência seja efetiva “existem algumas moedas: simpatia, confiança, humildade, sensibilidade, respeito, flexibilidade em relação aos tempos”.

Durante a realização das atividades pude perceber a concentração e atenção que desprendiam naqueles momentos, procuravam fazer da forma correta e da melhor forma possível, mesmo que não conseguissem completar as tarefas conforme o solicitado pelos professores, que naquele momento davam aula em conjunto, tentavam sempre fazer o seu melhor. Isto demonstra o compromisso delas com o grupo, com os professores e a importância que dão para as atividades propostas. A importância do grupo se traduz nas suas atitudes, demonstram o quanto valorizam o espaço e as atividades, esses espaços que favorecem a convivência e favorecem as relações sociais, entre as idosas e entre elas e suas famílias (SANTOS, 2015).

O fazer parte do grupo é ponto forte para o desenvolvimento da pesquisa, ajudei sempre conforme solicitado e aos poucos os professores começaram a pedir minha opinião sobre as atividades que eram sendo ofertadas, abriram espaço para que eu levasse sugestões, caso as tivesse, o vínculo e a confiança se estabeleceram. Segundo Freire (2005), a confiança

faz os sujeitos parceiros na visão de mundo e da pronúncia de mundo, esses sujeitos tornam-se companheiros dialógicos.

Quando uma ou outra idosa sente dificuldade na realização das atividades sempre pode contar com o incentivo das colegas, houveram momentos que pude observar este apoio individual, como aponta o diálogo destacado a seguir:

“Nossa que difícil fazer, não vou conseguir fazer em casa sozinha, tem muito detalhe, né?!” (*Refere-se à confecção das bolsas feitas com caixas de leite*).

A colega então responde:

“A gente faz um pouco aqui, leva pra casa e tenta fazer, se não conseguir traz de novo que a professora ensina a gente, não tem problema”. (D.C. 23/03/2015)

O apoio sempre está presente em suas relações, no grupo ou fora dele, muitas são vizinhas, conheceram o grupo por convite de uma delas que já frequentava. Na vida fora do grupo também existe o apoio, como destaca o próximo diálogo:

“Tem hora que a gente precisa saber que não dá mais conta, né?! Então fui procurando um lugar para minha mãe ficar, essa casa é muito bonitinha, limpa e as suas funcionárias são atenciosas. Ela “tá” muito bem cuidada lá e eu posso visitar ela sempre que eu quero, acho que assim “tá” melhor pra nós duas” (*Refere-se a situação que vive com a mãe portadora de Alzheimer, ela cuidava da mãe até este momento quanto decidiu colocá-la para residir em uma Casa de Repouso na cidade*).

Recebe apoio da colega:

“Ah, você tem que pensar assim mesmo, se ela “tá” bem cuidada é o que importa, a gente não “tá” jovem também, a gente cansa, a gente precisa pensar na gente. Vai dar tudo certo, fica tranquila”. (D.C. 23/03/2015)

O Apoio Social despontou como algo significativo para o grupo e as idosas que o frequentam. Este apoio, com as características de trocas entre pessoas e que tem efeitos positivos para todos os envolvidos no processo (VALLA, 1999).

Após reflexões e discussões sobre o que nos foi revelado na aproximação, reafirmou-se o apoio social como a Prática Social a ser estudada nesta pesquisa.

5.2 Construção das categorias para análise dos dados

Os diários de campo e as transcrições das entrevistas foram inicialmente digitalizados para organização dos dados. Posteriormente, realizei a impressão deste material para leitura e anotações sobre os aspectos observados durante o trabalho. Após leitura de todo o material por diversas vezes, observei que algumas características gerais se repetiam de forma significativa, o que me chamou atenção para a construção das categorias de análise deste trabalho.

Para a construção destas categorias deve-se considerar, segundo Bogdan e Biklen (1994), a procura de características e padrões durante a leitura dos dados, bem como a escrita de frases ou palavras que representem estes tópicos, são essas palavras ou frases consideradas categorias para análise dos dados. São as preocupações e questões do pesquisador sobre o tema estudado que vão auxiliar na origem destas categorias.

Com a questão de pesquisa em mãos e voltando ao referencial teórico com essa organização dos dados considerei estas características como categorias dialogando com os autores. Ao final desse processo construiu-se as seguintes categorias: “Velhice e Ser Velha” e “Convivência, umas com as outras”.

5.2.1 Velhice e Ser Velha

A interpretação da velhice pelos próprios idosos depende de diversos fatores, entre eles, a interação entre crenças e atitudes frente ao processo de envelhecimento. As atitudes que podem se construir ou se modificar durante o processo de envelhecimento dependendo do contexto social em que o idoso está inserido e as possibilidades de aprendizagem que lhe são proporcionadas (PATROCÍNIO, 2011).

A relação das idosas com a velhice pôde-se observar que é positiva, todas mantêm-se ativas, pois não encaram a velhice como uma fase a ser temida ou mesmo que devam ficar em casa, conforme relato que segue:

“Não tem idade, antigamente sim, os velhos eram assim, dentro de casa, era não saiam, mas agora não, então assim, todas essas coisas que tem, então você esquece até que você é velha, eu esqueço, fora de brincadeira, tem hora que eu nem lembro, mesma coisa elas. Eu admiro Ana Paula, essas pessoas que tem bastante idade, fazer o que elas fazem também, eu acho lindo, acho maravilhoso, sabe? Tenho amigas de 80 e não sei quantos anos, nossa, eu acho uma graça, então eu acho que não tem velhice nessa parte, tendo saúde em primeiro lugar né? E Deus, nossa, a gente tendo fé em deus e saúde em primeiro lugar, o resto, a velhice a gente nem lembra viu!” (Entrevista 29/10/2015)

Durante um dos encontros o grupo recebeu os alunos de uma das turmas da Graduação em Gerontologia para realização de uma atividade sobre o envelhecimento e seus significados, alguns sentimentos a partir da fala das idosas quanto à velhice e o ser velha são apresentados, como segue:

“Sinto com o espírito jovem”.
 “Gosto de ser idosa porque é tudo de graça, ônibus, cinema, show, tudo de graça”.
 “Eu me sinto melhor agora. Antes o marido não deixava eu sair, depois que ele morreu, faço tudo o que eu quero”. (D.C. 30/03/2015)

A participação em grupos proporciona uma visão positiva sobre o envelhecimento, como Debert (1999, p. 84), nos aponta:

Novas comunidades são criadas, o conjunto de papéis sociais anteriormente perdidos são reencontrados, redes de solidariedade, de trocas e de afeto são desenvolvidas de maneira intensa e gratificante, promovendo uma experiência de envelhecimento positiva, mesmo para aqueles cujos vínculos com os filhos e parentes são tênues.

Alguns prazeres pessoais também despertam a partir de uma dinâmica realizada pelas alunas naquele dia, as falas demonstram a sua relação positiva com a velhice e o ser velha. Citando alguns que foram comentados:

“[...] gosto muito de carnaval, vou até enquanto as perna “andá”. Meu filho não gosta que eu vou, mas eu gosto”.
 “[...] gosto muito, muito mesmo de cozinhar, sempre cozinhei desde menina”.
 “[...] viajar me deixa muito feliz, eu adoro”.
 “[...] gosto de me divertir”.
 “[...] gosto muito de artesanato, gosto de fazer”. (D.C. 30/03/2015)

A percepção das idosas quanto a imagem do “ser velha” também é explorada na dinâmica realizada e durante as entrevistas, as falas que seguem demonstram a sua visão positiva quanto a imagem do outro e a sua imagem frente a velhice:

“[...] Essa aí que não tem plástica fica até mais bonita que a outra que está toda esticada.”

“[...] tem mulher que fica até mais bonita de velha do que quando era mais novinha.”

“[...] a gente tem que se cuidar, se arrumar, mas não precisa de cirurgia ou dessas coisas pra ficar melhor.” (D.C. 30/03/2015)

“[...] eu falo pra elas que eu tenho 18 anos, a cabeça da gente diz que tem 18, o corpo pode até não dizer, mas eu corro, faço tudo, você me viu correndo lá hoje de manhã?!” (Entrevista 25/01/2016)

O professor que ainda acompanhava o grupo fez algumas observações de preocupação quanto a dinâmica realizada, ele reflete sobre a relevância e impacto que este tipo de atividade pode proporcionar para as idosas, segue sua fala:

“Eu não sei até que ponto essas atividades podem ajudar de fato as idosas dessa geração e desses grupos. Sou meio crítico quanto a tudo isso. Quer dizer, não quero que não tenha, acho importante ter qualquer tipo de atividade, mas pensa, será que tocou mesmo este grupo? Será que elas realmente entenderam o que as meninas queriam passar de mensagem ali pra elas? Era sobre a importância de se valorizar enquanto mulher idosa, mas você vê, a outra falando que gosta de ser idosa porque tem tudo de graça, será que é por aí mesmo?” (D.C. 30/03/2015)

Neste sentido, Debert (1999, p. 67), nos aponta:

O curso de vida como construção social e cultural não pode ser entendido como algo que os seres humanos podem fazer e refazer, um processo que não impõe limites à criatividade e ao qual qualquer sentido pode ser atribuído. É preciso olhar, com mais atenção, para os limites que a sociedade coloca à nossa capacidade de inscrever a cultura na natureza.

As atividades que vinham de fora, proporcionadas por outros grupos ou profissionais eram impostas e não construídas em conjunto com as idosas, as demandas das idosas quanto aos assuntos a serem trabalhados não eram escutadas, a construção da dinâmica foi realizada fora do espaço onde as idosas se encontravam, isto pode nos mostrar o quanto a construção coletiva é importante e o quanto ouvir as demandas do grupo se faz imprescindível para alcançar as idosas da maneira esperada. Envolver o grupo na construção, ouvindo as suas

falas, suas demandas e necessidades pode trazer dinâmicas mais efetivas com relação às próprias idosas.

São as Práticas Sociais e os Processos Educativos a partir do Apoio Social que podem ser construídos nesses espaços e para que tudo isto ocorra se faz necessário que todos trabalhem em conjunto, pois partimos do princípio de que as pessoas aprendem umas com as outras, a todo momento, na convivência. Neste processo é importante considerar e ouvir a todos, suas idéias e suas demandas, construir em conjunto, como parte do grupo, como iguais, não de cima pra baixo (FREIRE, 2014).

A partir das entrevistas, aprofundando estas percepções, pode-se concluir que as idosas não têm uma visão negativa sobre o envelhecimento, não se vêem muitas vezes como uma pessoa velha, essa categorização existe apenas a partir da idade cronológica. O trecho transcrito a seguir pode exemplificar melhor estas afirmações:

“Não vejo eu como velha, acho que isso tá mesmo na cabeça das pessoas. Na minha cabeça eu não estou velha, meu corpo pode até parecer que sim, mas eu não sinto assim. Acho que não tem o que pode ser ruim quando a gente chega nessa idade, eu faço tudo o que eu quero, tem uma dor aqui, outra alí, mas é normal, só não pode deixar isso mandar em você”. (Entrevista 08/06/2016)

Em diversos momentos pude acompanhar comentários entre elas sobre o quanto a velhice não interfere de forma negativa em suas vidas, o relato a seguir exemplifica isto:

“Ser velho ou ser idoso significa que eu vivi minha vida até agora, que eu vivi com vários problemas, mas que eu cheguei aqui, significa que eu tenho que aproveitar o máximo porque tudo acaba né, e eu também vou acabar com certeza, então é aproveitar os momentos, viver bem, continuar fazendo aquilo que eu gosto, eu acho que pra mim não atrapalha nada [...] ser idoso ou ser velho significa você compreender esse amadurecimento, esse envelhecimento de forma natural porque é natural isso daí, é natural pra todo mundo e se eu não aceitar essa condição minha hoje eu não vou na praia porque minha perna é cheia de vasinho, não vou prum outro lugar porque já tou velho e lá só tem jovem, comigo não tem, eu não esquento e acho que é viver o máximo que eu posso, passear, aproveitar essa minha vida que até quando ela vai eu não sei, mas que eu sei que ela vai acabar, então eu acho que eu cheguei nos 60 anos numa boa”. (Entrevista 29/10/2015)

Estes relatos sobre os significados e os prazeres da velhice para cada uma delas mostrou o quanto são diversas as visões e opiniões, pois estamos tratando de sujeitos e cada

um deles tem a sua individualidade, o envelhecimento se trata de um processo subjetivo, sem generalizar os conceitos e visões (DEBERT, 2006). Isto me mostrou a importância de ter realizado as entrevistas e a sua necessidade, para aprofundar as observações e poder melhor compreender as opiniões de cada idosa.

A partir do observado evidencia-se que pela convivência no grupo, compartilhando destas visões e compreensões sobre a velhice, o envelhecer e o ser velha, as idosas também aprendem umas com as outras, segundo Oliveira, et. al. (2009), são os processos educativos possibilitados pela prática social. Assim, as idosas aprendem a envelhecer de uma forma positiva, com saúde e disposição.

As Práticas Sociais, segundo Oliveira, et. al. (2009, p. 4):

[...] decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes, natural, social, cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, como o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver, enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas.

Participar do grupo proporciona que o apoio social possibilite o desenvolvimento de processos educativos entre as idosas com relação à velhice. As trocas sobre o processo de envelhecimento e uma visão positiva sobre este estão presentes em diversos momentos na dinâmica do grupo. O trecho a seguir demonstra esta afirmação:

“Observo que enquanto estão em uma roda de conversa, falando sobre diversos assuntos, o enfrentamento da velhice de forma positiva está presente em suas falas. Uma apoia a outra, mesmo quando estão em dificuldade de saúde devido ao processo de envelhecimento, as doenças não são consideradas impedimento para nenhuma de suas atividades no dia a dia. As idosas vêem a velhice como mais uma fase da vida, com suas limitações, com seus aprendizados, suas necessidades de adaptação e também a sua beleza” (D.C. 09/05/2016).

As idosas não tem uma visão “romantizada” da velhice, do ser velha ou do processo de envelhecimento, elas tem mesmo uma atitude positiva frente ao processo e respeitam o sua trajetória de vida, seu corpo e sua saúde. Valorizam o que alcançaram até o momento em que estão hoje vivendo, entendem que envelhecer é algo natural e que acarreta algumas limitações, mas o enfrentamento positivo é o que se destaca, como demonstram as falas a seguir:

“[...] Eu gosto muito de vir e fazer atividade, eu sei que é importante, mas tem hora que a gente não aguenta né, é tanta dor, a gente tá velha, tem dor e tem doença mesmo né?!”

“[...] É assim mesmo, eu também não aguento as vezes de tanta dor, mas a gente tem que vir né, porque faz bem pra gente, mas daí quando dói muito a gente para um pouco. (D.C. 06/04/2015)

A participação social, a participação em grupos de convivência mostram proporcionam aos idosos uma atitude positiva em relação ao envelhecimento. A existência de uma visão positiva sobre a velhice é importante, pois aumenta a possibilidade de participação social dos idosos (PATROCÍNIO, 2011).

5.2.3. A convivência, umas com as outras

A reciprocidade e a solidariedade são características intrínsecas ao apoio social, dentre outras. Fica claro neste processo que as pessoas necessitam umas das outras e exercendo o apoio social entre pessoas ou grupos temos resultados positivos para a vida (VALLA, 2000).

Durante as observações foi perceptível a reciprocidade e a solidariedade existente entre as idosas, durante as atividades sempre se ajudam, algumas pedem ajuda e outras ajudam espontaneamente. As com menor escolaridade ou maior dificuldade na realização de qualquer que seja a atividade (que pode exigir a escrita, leitura de palavras e textos ou a realização de cálculos matemáticos) não sente vergonha ou receio em pedir ajuda para as colegas ou os professores, sentem-se à vontade, sentem confiança, como os trechos a seguir demonstram:

“Isso aqui está difícil, eu não estou conseguindo!”

“Calma, tenta mais uma vez, pra mim também está difícil”.

“Eu não estudei, eu não sei fazer essas coisas”.

“Eu prefiro quando é só de pintar”.

(D.C. 11/05/2015)

“As idosas com mais dificuldade não se acanham ao perceber que algumas terminam primeiro, cada uma faz o seu exercício, concentrada, geralmente preocupadas em acertar, querem caprichar na letra, querem fazer bonito.. Quando terminam as atividades, mostram orgulhosas para mim e para os professores, que conseguiram realizar [...]” (D.C. 09/03/2015)

Observou-se nestes momentos que a reciprocidade como processo educativo possibilita o aprendizado quanto a solidariedade, a partir da reciprocidade as idosas são solidárias umas com as outras, independente de suas posições e nível de saber, se ajudam, se auxiliam quando identificam a necessidade.

A Prática Social do Apoio Social possibilita estes momentos de aprendizado, pois segundo Oliveira et. al. (2009, p. 6):

[...] Delas, participam, por escolha ou não, pessoas de diferentes gêneros, crenças, culturas, raças/etnias, necessidades especiais, escolaridades, classes sociais, faixas etárias e orientações sexuais. Participam pessoas com diferentes percepções e conhecimentos, em diferentes processos de trabalho e lazer, em diferentes espaços, escolares e não escolares. Nelas, as pessoas expõem, com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los.

Segundo Valla (2000, p. 41), “apoio social se define como sendo qualquer informação falada ou não, e/ou auxílio material, oferecidos por grupos e/ou pessoas que se conhecem, que resultam em efeitos emocionais e/ou comportamentos positivo”. Dentro do grupo foi observado a existência destas características nas relações entre pessoas, entre o grupo, como descrito anteriormente.

Foi observado que nem sempre os exercícios apresentavam a dificuldade esperada, por exemplo com a associação de letras e desenhos, a idosa que reconhece as letras pelo alfabeto não necessariamente tem facilidade para apreender o que foi pedido para ser realizado e a colega que não sabe ler, mas que acompanha a explicação atentamente e reconhece as letras como figuras auxilia a outra idosa no desenvolvimento do exercício proposto, a fala a seguir se refere a este momento.

“Comadre, é pra trocar o desenho com a letra que “tá” lá em cima, daí no final vai formar a palavra, não se confunda”. (D.C. 09/03/2015)

O apoio social possibilita o aprendizado. É no apoio social que a reciprocidade se manifesta e a solidariedade é apreendida, exercida, valorizada, a partir das características que ele apresenta, com o desfecho de efeitos positivos.

A existência de grupos de convivência e a participação dos idosos nestes lugares configuram positivamente as trocas e os laços entre os indivíduos. Segundo Canesqui e Barsaglini (2012, p. 1111):

[...] reconhecendo as reflexões da sua importância no envolvimento comunitário, estímulo à cooperação, reforço à autoestima; à identidade e à vontade de viver; no fortalecimento da interdependência e da cooperação entre as associações e no desenvolvimento da cidadania e democracia.

Essa reciprocidade e solidariedade também tem o seu lado negativo, visto pelos professores, quando distribuem atividades para a memória, por exemplo, esperam que as idosas desenvolvam sozinhas, assim podendo trabalhar a memória de cada uma. Esperava-se poder posteriormente analisar as atividades entregues para avaliar quais delas precisam de mais atenção quanto a este aspecto., quando as idosas cooperam entre si na realização destas atividades, os dados ficam alterados, recebendo ajuda para realizar as atividades os professores não conseguem saber realmente qual o nível de dificuldade ou de necessidade de cada uma delas. A professora chama a atenção das idosas para esse aspecto.

“Gente, vocês não podem ajudar a colega a fazer esse exercício, a gente quer saber de cada uma de vocês como é que “tá” a memória e se vocês ajudam depois a gente não consegue saber de verdade como que cada uma está”. (D.C. 16/03/2015)

A vontade de ajudar umas as outras prevalece sobre a orientação da professora, mesmo quando é uma atividade que foram orientadas a realizar sozinhas, cada uma com a sua tarefa elas cooperam entre si. Isto nos mostra o forte laço entre elas, a convivência que traz características do apoio social (dar e receber), das práticas sociais (trocas) e dos processos educativos (aprender e ensinar).

Cooperar e conviver são processos educativos que estão presentes nas relações do grupo, a partir da convivência e da cooperação elas desenvolvem o apoio social e neste elas aprendem o exercício do dar e receber, das trocas e do aprender e ensinar, como citado acima.

A reciprocidade e a solidariedade estiveram presentes em todos os encontros, seja de forma positiva ou negativa, como dito anteriormente, foi possível observar que para as idosas os aspectos foram sempre positivos, pois estavam se ajudando, seja durante as

atividades físicas ou nas manuais, artesanais, sempre podem contar com as colegas para realizar da melhor forma possível e como desejam, certamente é um ponto forte para a permanência das idosas junto ao grupo.

Observa-se que nestes momentos estão aprendendo umas com as outras, uma forma de realizar os exercícios ou de fazer as atividades de artesanato, as idosas ensinam e aprendem.

Desde o início das atividades foi observado que todas participavam das decisões sobre as atividades e sobre demais propostas que poderiam surgir, as decisões eram coletivas e todos tinham o seu momento de falar. Nem sempre a organização era fácil, pois tratava-se naquele momento de um grupo de aproximadamente 40 (quarenta) idosas, mas aos poucos a professora e as alunas conseguiam se organizar, conversar e decidir o que é preciso em cada momento.

Segundo Resende (2010, p. 595) existem três tipos diferentes de apoio social:

[...] suporte emocional, suporte instrumental e suporte informacional. O primeiro refere-se ao que as pessoas fazem ou dizem a alguém (dar conselhos, ouvir seus problemas, mostrar-se empático e confiável) e são percebidos como expressões de carinho, cuidados e preocupação com o outro. O suporte instrumental compreende as ajudas tangíveis ou práticas que outros (pessoas ou instituições) podem prover a alguém (cuidados com crianças, provisões de transporte, empréstimo de dinheiro ou ajudas com tarefas diárias). Por último, o suporte informacional inclui receber de outras pessoas noções indispensáveis para que o indivíduo possa guiar e orientar suas ações ao dar solução a um problema ou no momento de tomar uma decisão.

A partir dos tipos de apoio sinalizados por Resende (2010), identificamos a nas leituras nos diários de campo a presença do apoio com estas características entre as idosas, entre as idosas e os professores, entre eu/idosas/professores e entre as idosas e suas famílias. Exemplos destes tipos de apoio serão destacados a seguir:

[...] dividem materiais com as colegas para que todas possam fazer as atividades que serão passadas a elas.

[...] eu me disponho a ajudá-la.

[...] dona D⁵. ensina a sua colega como fazer o exercício.

(D.C. 09/03/2015)

[...] a professora me pediu que eu auxilie junto as atividades, se alguma idosa pedir auxílio ou mesmo queira tirar dúvidas.

(D.C. 16/03/2015)

[...] elas tem dúvidas, me chamam para ajudar.(D.C. 23/03/2015)

⁵ A abreviação “D”, refere-se ao nome da idosa, mantida anônima pelo sigilo determinado no TCLE.

O número de idosas diminuiu após alguns meses devido a desistências por problemas de saúde (depressão, cirurgias, dores), falecimento de cônjuges ou adoecimento de familiares que necessitam de cuidados, por exemplo. A média de participação fica em 20 (vinte) idosas por encontro, mas a coletividade se manteve presente sempre. Muitas chegavam e iam embora juntas, enquanto estavam no local de encontro, todas ajudavam a organizar as mesas e cadeiras para as atividades e também a guardar antes de ir embora. Durante as inserções e as entrevistas, quando houve a oportunidade, perguntei sobre a participação dos maridos e companheiros, todas disseram que nenhum deles participa de grupos, alguns realizam atividades físicas (caminhadas) sozinhos perto de suas casas.

A presença exclusivamente de mulheres em grupos de convivência é comum nos estudos com idosos, o que reflete a feminização da velhice, o número de mulheres idosas supera o número de homens idosos. As atividades oferecidas nestes espaços interessam mais as mulheres do que aos homens, principalmente no que tange o cuidado com a saúde. Quando atividades festivas, de bailes ou viagens são oferecidas a presença de homens é maior (PATROCÍNIO, 2011).

Quando existia a situação de precisar de materiais para realizar as atividades manuais (artesanatos com tecidos, caixas de leite, linhas), elas dividiam entre si, entre as que levavam ou não e até mesmo entre as que possuíam ou não estes materiais. Ninguém ficava sem fazer nenhuma atividade proposta, fosse ela física ou de artesanato, as colegas sempre estavam dispostas a ajudar, como fosse preciso e possível.

Por esta coletividade, pela convivência, os vínculos que se formaram fortemente, não existia uma competição entre as idosas durante as atividades, todas se apoiavam e incentivavam na realização, tanto das atividades físicas, quanto das atividades de artesanato, manuais e para os treinos de memória. Os processos educativos trazem consigo desfechos majoritariamente positivos, na coletividade, na convivência e na formação de vínculos os resultados são o apoio e o incentivo em todas as atividades, os processos educativos que permeiam a prática social do apoio social como característica forte deste grupo de mulheres idosas. Segundo Mendes (2005), o convívio no grupo proporciona diversas trocas, entre elas a troca de carinho, de idéias, sentimentos e conhecimentos, e proporciona uma troca de afeto permanente, o que incentiva o pensar, o fazer, o dar, o trocar, o reformular e o aprender.

Para além das atividades realizadas naquele espaço, se observou que o suporte emocional se faz presente com importância para as idosas e a participação no grupo. O suporte emocional considerado como um dos tipos de apoio social está relacionado com ações como a de dar conselhos, ouvir seus problemas, ser empático e confiável (RESENDE, 2010). Algo muito presente neste grupo.

Observou-se que a existência do grupo e a convivência no grupo possibilitam a valorização das relações pessoais, das relações humanas. Bauman (2005) nos alerta, ao falar da liquidez das relações na sociedade de hoje, o oposto do que foi identificado no grupo, isto pode demonstrar a diferença de cultura e valores que as pessoas idosas ou daquele grupo apresentam em comparação com a sociedade atual. O autor afirma que na sociedade atual a construção das relações exige demasiadamente dos indivíduos que estão acostumados com a dinâmica do processo de consumo, quando o que já não é de seu interesse pode ser descartado rapidamente. Para os indivíduos a manutenção das relações humanas torna-se difícil, pois exige tempo e dedicação, o que não faz parte da vida cotidiana de hoje em dia (BAUMAN, 2005).

A importância do grupo para as idosas é algo que pode ser observado constantemente, em suas falas e em minhas observações e anotações. O fato de chegarem sempre dispostas, sorridentes, determinadas, independente do clima, horário, quantidade de alunas, tudo isso me faz pensar o quanto consideram importante a sua participação nas atividades do grupo, como segue:

“O grupo significa muito pra mim em todos os sentidos, sentido de estar bem, estar alegre, quando eu acordo que eu sei que é segunda-feira, desanimada e que eu tenho que me encontrar com esse grupo, eu já...é outra a minha maneira de acordar e de pensar que eu “tô” indo pra lá, se eu “tô” desanimada eu sei que eu vou encontrar ali várias pessoas, que eu “tô” assim sem problemas pessoais, mas eu posso “tar” com algum problema físico, com alguma dor, alguma coisa, eu acho que encontrar aquele grupo é como se eu tomasse um remédio, que me motivasse, que afastasse aquela dor, era como se eu tivesse tomado um analgésico na verdade, que me tirasse aquela dor [...]” (Entrevista 29/10/2015)

“O grupo me ajudou, me fez renascer. Eu estava numa situação que não via mais saída, ali eu encontrei tudo o que eu precisava pra poder continuar [...]” (Entrevista 25/01/2016)

“Foi ali que eu saí da minha depressão e consegui controlar a minha ansiedade. Sem o grupo eu não sei o que teria sido de mim, foi ali, com as amigas que eu me curei” (Entrevista 31/05/2016)

O apoio social recebido em grupos de convivência tem uma grande influência na forma que os idosos avaliam a sua satisfação com o envelhecer, com a velhice e sua vida. Quanto maior o apoio social percebido, ao dar e receber apoio, maior também a satisfação do idoso com relação à vida. A percepção da existência de apoio social no grupo de convivência que se frequenta fortalece a sua participação e também amplia a rede de suporte recebido (PATROCÍNIO, 2011).

A existência de uma rede de apoio social influencia diretamente na qualidade de vida dos idosos, pois favorece o seu bem estar psicológico e social. Os idosos a partir da participação e interação em grupos colaboram para que se sintam inseridos socialmente, pertencentes a um grupo social no qual podem contribuir a partir de suas experiências e conhecimento (PATROCÍNIO, 2011).

Segundo Araújo et. al. (2005, p. 129), os grupos estão:

caracterizando-se como espaços por excelência, onde as práticas sociais desenvolvidas contribuem para que os idosos exerçam seu papel de cidadãos, sendo um local onde eles utilizam suas potencialidades, onde há sempre alguém que os escute, propiciando a efetivação de laços de amizade e momentos de lazer, contribuindo, também, para o restabelecimento da auto-imagem positiva, uma vez que, em geral, o contexto familiar não favorece a utilização das potencialidades dos idosos.

A participação desperta positivas influências para além dos aspectos da saúde, como podemos observar no relato de algumas das idosas a seguir:

“Olha Ana Paula pra mim aquele grupo tem um significado muito grande, eu gosto muito das aulas, eu gosto muito das amigas, só de sair de casa e encontrar as amigas, a professora, você né, nossa, que dá uma aula que a gente gosta muito, pra mim é tudo, eu acho muita falta se eu não vou, eu acho que isso aí também ajuda a saúde da gente, bate papo, a conversa, você sair, aprende muitas coisas né que a gente também não sabe, pra mim nossa...é uma maravilha”. (Entrevista 29/10/2015)

“O grupo tem um significado de amor, de amizade, de alegria. Tudo de bom que a gente precisa sabe?! Só de estar ali e ver outras pessoas, só de vir no grupo a gente já se sente bem” (Entrevista 06/06/2016)

“É muito bom ter o grupo, a gente pode ver gente, conhecer gente, fazer amizade. Conversa com outras pessoas, sai de casa. O grupo é muito bom.” (Entrevista 27/06/2016)

É no apoio social existente no grupo que as mulheres idosas aprendem umas com as outras a envelhecer com atitudes positivas, com disposição a enfrentar positivamente o processo de envelhecimento, a superar os desafios que a velhice traz, a ter coragem de encarar novos desafios e recomeçar, umas com as outras, nas trocas no grupo de convivência ensinam e aprendem e os processos educativos possibilitam estes momentos e firmam o apoio social existente naquele espaço.

Canesqui e Barsaglini (2012, p. 1108), sobre estes aspectos do apoio social, nos apontam:

A frequência e a intensidade dos contatos sociais expressam o maior grau de integração social e o sentimento de pertencimento, beneficiando o bem estar social, a saúde e a proteção contra os comportamentos desviantes, ou seja, os que fogem às normas sociais aceitas. A integração social reporta-se ainda à importância das redes sociais para os idosos.

A valorização e sentimentos que o grupo traz é muito significativo, de grande importância:

“É saber que eu vou poder tar viva né e que eu vou poder chegar lá [...]”. (Entrevista 29/10/2015)

“Eu venho pelas pessoas, pelas amigas, porque em casa fico sozinha e não é bom”. (Aprox. 08/12/2014)

“Esse grupo é tudo que eu tenho, eu ficava em casa fazendo minhas obrigações de esposa, mas agora eu me sinto parte desse grupo e não fico mais só cuidando das coisas da casa, eu cuido de mim também e ajudo as amigas quando a gente consegue, né! (Entrevista 31/05/2016)

Durante a realização das atividades pode-se perceber a concentração e atenção que desprendiam naqueles momentos, procuravam fazer da forma correta e da melhor forma possível, mesmo que não conseguissem completar as tarefas conforme o que era solicitado pelos professores, tentavam sempre fazer o seu melhor. Isto demonstra o compromisso delas com o grupo, com os professores e a importância que dão para as atividades propostas.

O grupo tem capacidade de influenciar positivamente em questões como o envelhecimento e a valorização da vida, despertando o interesse por novas atividades, novas interações e a projeção para o futuro (ARAÚJO et. al, 2005).

Quando uma ou outra idosa sentia dificuldade na realização das atividades sempre podia contar com o incentivo das colegas, houveram momentos que pude observar este apoio individual.

Entre elas vão se ajudando e tirando dúvidas, estão sentadas lado a lado e isso facilita o trabalho conjunto, vão trocando idéias sobre qual tecido usar para encapar a bolsa, que tipo de alça uma ou outra vai fazer para a sua bolsa, vão dando idéias para as colegas e se ajudando quando aparecem dificuldades. (D.C. 23/03/2015)

Durante a pintura dos desenhos uma observa e elogia o desenho da outra, compartilham os gizes de cera para pintura sem problemas, dão idéias sobre as finalizações umas para as outras. (D.C. 14/09/2015)

Mesmo com as dificuldades elas tentavam fazer as atividades, várias vezes, com e sem ajuda, mas mesmo após as explicações de como fazer algumas ainda não conseguiam.

O apoio não foi apenas identificado durante as atividades, vai além, as idosas identificavam no grupo uma relação de apoio para a vida, possibilitando aprendizados para além dos momentos de encontro no grupo, mas para a vida cotidiana, no apoio social as idosas aprendem, as falas a seguir podem exemplificar esta afirmação:

“Olha, eu acho assim ó, com a professora a gente aprende muito, nossa, coisas assim, mesmo o que ela dá de artesanato, ginástica, essas coisas, umas coisas assim que aprende demais né e às vezes você escutando uma amiga falar alguma coisa, outra amiga falar outra coisa, até serve, assim, alguma coisa pra você, a gente, então até serve aquelas conversas ali, pra gente também...né!” (Entrevista 29/10/2015)

“Aqui, quando a gente vem nesse grupo, não é só aqui que a gente consegue ver que faz bem. Não é só o que a professora ensina pra gente que ajuda, sabe? É também o que a gente conversa sobre coisas que acontecem na nossa vida, uma ajuda a outra, a enfrentar uma dificuldade, encontrar uma saída de um problema que tem em casa, a gente se ajuda pra vida uma da outra” (Entrevista, 31/05/2016).

“Ajudar o outro me faz bem. Sempre participei de grupos, tem pra mais de 20 anos que eu vou em mais de um e sempre ví que fazia bem pra mim, então eu continuo. Eu gosto de ajudar, me faz sentir bem” (Entrevista 08/06/2016)

O apoio se dá a partir da convivência e esta se configura como um processo educativo existente no grupo, convivendo como iguais, a professora se reconhece enquanto idosa, como uma delas, não consegue fazer distinção na maior parte dos momentos, ao seu ver, sobre o papel de professora e idosa dentro do grupo, coloca-se como mais uma entre elas e identifica significados, sentimentos e benefícios, possibilitados pelo processo educativo, que o grupo traz para ela também:

“[...] acho que me fazem um bem danado eu acho que elas fazem mais bem pra mim e elas pensam que sou eu que faço bem pra elas, eu não sei, mas eu pra mim elas me fazem muito bem, elas me trazem assim me dão uma lição de vida a cada dia por conta da idade, porque é um grupo bem idoso né as pessoas são bem idosas, já chegando nos seus oitenta anos então elas tão todo dia me dando uma lição de vida [...] pra mim é muito grande “tar” com elas, o benefício maior que elas me trazem é assim essa... De continuar lutando, de não desistir nunca, tocar em frente [...]”. (Entrevista 29/10/2015)

O processo de ensino-aprendizagem muitas vezes se entrelaça por alunas e professores, uma aprende com a outra (OLIVEIRA et. al, 2009). O reconhecimento dos professores sobre aprender com elas e a importância que tem se faz presente na seguinte fala:

“[...] com elas eu “tou” aprendendo o tempo inteiro, ensino talvez, por exemplo, eu levo alguma coisa pra elas fazerem, vamos dar um exemplo de um artesanato né [...] outra coisa que eu aprendo com elas é assim, não ser afobado né, esperar o tempo de cada uma, porque cada uma tem seu tempo [...] eu fui pacienciosa que isso é uma coisa que eu tenho que aprender, porque se eu chegar na idade dela posso estar com a mesma dificuldade e cruzar com pessoas que podem ter paciência comigo e podem não ter”. (Entrevista 29/10/2015)

Observou-se durante o estudo que a relação entre alunas e professores vai além das aulas, consideram-se amigos, encontram-se para outras atividades, em outros locais, tem algumas idosas que são alunas da mesma professora há mais de 20 (vinte) anos e relatam que continuam as atividades por onde a professora for, são suas seguidoras. Os benefícios que inicialmente seriam observados no grupo e durante os encontros do grupo extrapolam as expectativas e se mostram muito maiores para todos os sujeitos envolvidos. Mais uma vez os processos educativos da convivência e da participação no grupo trazendo resultados positivos, a amizade que se faz presente para além das relações de professora e alunas.

A dialogicidade se fazia presente no grupo, não é possível perceber diferença entre as colaboradoras, todas se viam como iguais, inclusive com a professora, todas tinham o seu espaço e decidiam em conjunto. As propostas ficavam em aberto para opinião de todas, as decisões tomadas em conjunto, as atividades que eram realizadas, a ordem destas atividades, as confraternizações, todas as decisões a serem tomadas. Para Freire (2014), o diálogo está presente nas relações de conhecimento, sem dialogicidade não há conhecimento, dialogar não se trata de uma possibilidade, mas de uma necessidade, é o caminho para construir as possibilidades da construção de conhecimento, do ensinar e aprender.

Durante o período de inserção observou-se a existência de conflitos diversos durante as atividades do grupo, na falta de iniciativa das idosas durante os exercícios, falta de empatia umas com as outras, o que faz parte da convivência. Os conflitos fazem parte das relações de convivência, faz parte do diálogo, das relações humanas, auxilia na formação do ser no mundo, do sujeito no mundo (FREIRE, 2014).

Em uma das atividades o professor repetiu diversas vezes o que deveria ser feito e que todas deveriam ajudar. Aos poucos uma ou outra tentava realizar o que foi solicitado, mas as demais não tentavam ajudar, falavam em voz baixa o que achavam que deveria ser feito, neste momento o professor mais uma vez interveio dizendo que todas falassem em voz alta, que ajudassem a colega a realizar a atividade, algumas então tomam a iniciativa e começam a tentar ajudar, mas são a minoria.

O grupo em determinado momento se concentra em uma idosa, dizendo como deve fazer para saltar os “nós” e conseguir voltar à posição anterior, as colegas ajudam dizendo que deve passar as pernas (pular) por cima dos braços das colegas que estão à sua frente, ela não compreende o que as colegas estão dizendo e não realiza o que é sugerido, o professor tenta incentivar, apoiando, explicando o que foi sugerido, a idosa visivelmente brava diz: ah, mais fácil! (solta as mãos e simplesmente vira para a posição em que deveria terminar a atividade). Pronto, tá feito!

O grupo em coro:

“Aaahhh! Assim não vale!”

O professor:

“Ah, assim a senhora estraga a brincadeira, era pra ser um trabalho em grupo, para que todos ajudassem e participassem, do jeito que a senhora fez, perdeu todo o sentido. Gente, vocês não podem desistir simplesmente, temos que tentar realizar as atividades até conseguir, não é só atividade para o corpo, esta, por exemplo, estava também trabalhando o cérebro! Bom, vamos então para as atividades de desenho, vamos organizar as mesas!” (D.C. 06/04/2015)

Durante outra atividade, em outro dia, uma das idosas tem maior dificuldade ao caminhar, portanto caminha mais lentamente que outra que está atrás na fila, como a professora pede para que façam no ritmo da música as com menor dificuldade de caminhar realizam os movimentos mais rapidamente e esta senhora que estava atrás da idosa que caminha mais lentamente reclama diversas vezes da lentidão da colega. Primeiro reclama em

voz baixa, como se falasse para si mesma, aos poucos gesticula para mim e para as outras colegas, como quem quer que a idosa mais lenta seja retirada da atividade.

Quando a professora pede para todas pararem elas ficam uma ao lado da outra, a idosa que reclamou e a idosa que caminha com maior dificuldade, esta comenta algo com a colega que não consigo compreender, então a outra logo comenta:

“Você anda muito devagar, tem que ficar por último na fila se não atrapalha!”

A outra idosa fica cabisbaixa, ainda sorri para a colega, tenta dizer algo, mas fala em voz muito baixa e então se retira do grupo e senta em uma cadeira próxima.

A professora logo pede para ela voltar, ela diz:

“Estão reclamando que eu ando muito devagar e que estou atrapalhando, não vou voltar, vou ficar aqui”.

A professora:

“Volta sim, vem fazer a atividade com todo mundo, agora vai ser outra, ninguém mais vai reclamar”.

A idosa:

“Não precisa se preocupar, vou descansar”. (D.C. 14/09/2015)

Os conflitos, inerentes a convivência, também possibilitam aprendizados, se configuram como processos educativos. É nos momentos de conflito que podemos perceber o exercício ou não da empatia e a existência de apoio em momentos difíceis, por exemplo.

Os professores demonstram sempre uma preocupação e um respeito grande com o grupo, levando em conta a heterogeneidade das idosas que participam das atividades, suas dificuldades e limitações, tem olhar especial para as atividades desenvolvidas, assim como também um olhar crítico sobre o que é ofertado por eles ou por outras pessoas junto ao grupo.

Estão sempre preocupados em alcançar todas as idosas do grupo, oferecem atividades variadas para que todas se sintam acolhidas, apesar das dificuldades muitas vezes por ouvir reclamações de algumas quando as atividades não lhes agradam, os professores mantêm uma posição que possa atender a todas as colaboradoras, como a fala a seguir exemplifica:

“É difícil agradar todo mundo, sempre tem um que gosta e outro que não gosta, mas tem gente que adora fazer, gosta de aprender e querendo ou não tem umas idosas com limitações físicas que preferem as atividades desse tipo (*artesanais*), então a gente tem que oferecer de tudo, apesar de algumas dizerem que não gostam. Por isso eu disse pra vir naquele dia só quem queria mesmo aprender a fazer a bolsa”. (D.C. 30/03/2015)

Sobre algumas atividades desenvolvidas por um grupo de fora realizadas junto às idosas, sem um contato anterior com os professores, sem uma organização junto ao grupo, sem um contato prévio, o professor reflete:

“Eu não sei até que ponto essas atividades podem ajudar de fato as idosas dessa geração e desses grupos. Sou meio crítico quanto a tudo isso. Quer dizer, não quero que não tenha, acho importante ter qualquer tipo de atividade, mas pensa, será que tocou mesmo esse grupo? Será que elas realmente entenderam o que as meninas queriam passar de mensagem ali pra elas? Era sobre a importância de se valorizar enquanto mulher idosa, mas você vê, a outra falando que gosta de ser idosa porque tem tudo de graça, será que é por aí mesmo?” (D.C. 30/03/2015)

“Nem sempre a gente tem abertura, né?! A maioria das vezes já vem tudo pronto e não perguntam nem antes e nem depois o que a gente achou”. (D.C. 30/03/2015)

O comprometimento com o grupo pode ser percebido a partir das falas e reflexões dos professores, demonstra preocupação com as idosas e com os conteúdos passados a elas, pelo formato que é apresentado e pela falta de abertura em participar das decisões de conteúdo quando os trabalhos são desenvolvidos por outros grupos.

Foi possível observar nas inserções momentos em que os professores perguntaram a opinião das idosas sobre as atividades ofertadas e lhes foi perguntado se gostariam de mudar algo ou que realizassem alguma atividade específica, algumas idosas se manifestaram sobre a sua preferência pelas atividades físicas e outras pelas atividades de artesanato e deliberou-se que a professora avisaria quando atividades manuais seriam ministradas, assim as idosas avaliavam se gostariam de ir aquele dia ou não para participar do que seria desenvolvido.

O apoio se mostra ao estar ou não presente no grupo também, o fato de a professora avisar quando as atividades eram direcionadas dava a oportunidade de escolha em participar ou não do grupo naquele dia específico, a professora apoiava as idosas por abrir esta possibilidade, as idosas que participavam apoiavam a professora e umas às outras e as que decidiam não participar apoiavam o grupo, pois respeitavam a decisão, sentiam-se acolhidas e respeitadas por poderem escolher e desta forma o grupo caminhava em harmonia.

Estas relações de apoio social se encaixam na categorização descrita por Gonçalves et. al. (2011, p. 1757), que segue:

[...] o conceito e avaliação do apoio social podem ser divididos em três categorias: (1) o modelo que enfoca a rede social, a integração do indivíduo a um grupo e as

inter-relações entre eles; (2) o modelo do apoio recebido que avalia o que a pessoa atualmente recebe e relata ter recebido; e (3) o modelo do apoio percebido que avalia o apoio que a pessoa acredita estar disponível se precisar. [...] ainda recomendam que a avaliação de apoio social deva ser adaptada ao contexto situacional em que se aplica, ou seja, deve conter itens e formatos que contemplem aspectos específicos da população-alvo.

O apoio social como a prática social identificada no estudo possibilita a configuração de processos educativos levantados a partir da fala das idosas e das observações. Estes ocorrem a todo instante, nas relações entre pessoas, entre umas e outras, entre elas e os professores. Identificamos neste estudo os seguintes Processos Educativos: *dar e receber apoio, conviver, compartilhar, cooperar, o exercício da empatia, envelhecer, a reciprocidade, participar, a dialogicidade e a coletividade.*

Durante as atividades onde a professora literalmente ensina algo novo para elas trabalharem, mas não somente nestes momentos específicos, são capazes de apontar como aprendizado até mesmo a convivência que ali está presente. Aprendem, segundo elas, como podem ajudar umas as outras nas dificuldades do dia a dia e também nas dificuldades durante as atividades, aprendem a exercer a empatia e a partir desta, aprendem a admirar as pessoas mais velhas e como podem fazer para chegar a uma idade mais avançada com saúde e disposição, reconhecendo os limites existentes para estas afirmações. Ferreira et. al. (2010), salientam a importância de se compreender o processo de envelhecimento e seus significados a partir da fala de seus protagonistas, a fala das idosas se faz importante, traz as suas visões e suas realidades.

As falas das idosas vêm carregadas de histórias, de suas trajetórias de vida. As percepções sobre o envelhecimento, aprendizagem, convivência e trocas, trazem claramente uma característica de construção ao longo da vida. Em todas os relatos houveram descrições de uma vida sofrida, com dificuldades financeiras e de relacionamento com seus pais, cuidadores ou familiares quando eram crianças, jovens ou mesmo na vida adulta. A velhice traz uma oportunidade de realização pessoal a partir de novas oportunidades, segundo seus relatos, após o falecimento do marido que era controlador, após a conquista de um emprego aos 50 (cinquenta) anos, independência financeira e conquista de autonomia. Os trechos das entrevistas a seguir demonstram estas realidades:

“Antes eu não trabalhava fora, fazia tudo o que meu marido queria e pedia, depois que eu cheguei numa certa idade eu decidi que ia trabalhar e ganhar meu dinheirinho, cheguei pra ele e falei: eu vou trabalhar e pronto! Deixo tudo certinho lá em casa pra não ter conversa, mas o que eu mais gosto hoje é poder ter o meu dinheiro pra o que eu quiser fazer.” (Entrevista 06/06/2016)

“Agora eu eu sou velha eu viajo, passeio, decido o que eu quero fazer e quando eu quero fazer. Eu cuidei dos filhos e do marido até ele morrer, fiz tudo que devia por eles e antes não cuidava de mim, agora que eu tou velha eu faço tudo por mim, aproveito mesmo!” (Entrevista 08/06/2016)

“Quando eu era criança eu não podia ter muita coisa, morava com meu tio que controlava tudo, ele era uma ótima pessoa, mas era muito “mão de vaca” e controlador. Depois que eu casei melhorou um pouco, mas ficou bem melhor mesmo depois que eu tou velha, agora eu posso pegar meu dinheirinho e comprar minhas roupinhas, minhas coisinhas que eu gosto, porque eu ganho minha aposentadoria e eu que mando nesse dinheiro, meu marido nem sabe quanto eu ganho, eu gasto como eu quero agora.” (Entrevista 31/05/2016)

“Meu marido não deixava eu fazer nada, depois que ele morreu eu faço muito do que eu queria fazer fazia tempo já, agora eu tenho liberdade pra decidir as coisas da minha vida, que com ele vivo eu não tinha não.” (25/01/2016)

Muitas vezes o apoio familiar não se faz presente, seja por parte dos cônjuges ou dos filhos e filhas. Segundo Martin (2012), ter família ou vizinhança não significa necessariamente ter apoio social. Elas encontram segundo suas falas, o apoio que buscavam, ao frequentar o grupo, uma dá exemplo pra outra sobre superação e coragem para encarar novos desafios. Existe uma vontade de poder fazer mais, mais atividades, mais coisas diferentes, novas descobertas, e no grupo elas se apoiam para que isso se torne possível.

6. CONSIDERAÇÕES

Observou-se uma forte ligação do grupo com as atividades desenvolvidas e entre as colaboradoras. Os benefícios identificados pelas idosas vão para além do aspecto físico, considerado em primeira vista, como sendo o fator principal para o encontro destas senhoras semanalmente. Ao conviver com o grupo e rever as anotações em diário de campo, assim como as transcrições das entrevistas fica claro que a relação do grupo e entre o grupo é muito maior do que os que envolvem aspectos físicos, como a prevenção de doenças, por exemplo.

O apoio social desponta como aspecto e prática importante nas relações e vínculos construídos no grupo e entre o grupo, as relações são importantes para as idosas colaboradoras e para a professora, que considera-se uma entre elas.

Enquanto pesquisadora, ao fazer parte do grupo aprendi muito com todas elas, durante todos os encontros que participei, conviver em um grupo distinto, com senhoras de idades mais avançadas que a minha me trouxe a vivência de processos educativos que somente aquele grupo poderia me proporcionar, aprender a conviver como ponto de partida, a respeitar, a exercer a empatia, a me colocar, a me doar, e muitos mais, que ainda podem ser ampliados, modificados e melhorados ao longo da vida.

Ao iniciar esse trabalho buscava inicialmente demonstrar o papel das práticas sociais e os processos educativos que ocorrem em um grupo de idosos. Ao decorrer da trajetória da pesquisa foi possível identificar a prática social do apoio social e os processos educativos que ela possibilita entre as idosas, mas fui além, a convivência com o grupo mostrou a importância da existência das redes de apoio, a valorização da existência deste tipo de equipamento (grupos de convivência), do grupo e das relações entre as pessoas por parte das idosas e mais que isso, o quanto a existência e participação neste grupo auxiliam no enfrentamento frente ao processo de envelhecimento. Trazer as percepções sobre o grupo, o apoio social, os aprendizados e a visão sobre a velhice a partir da fala das próprias idosas demonstra a importância de se compreender as interpretações sobre estes aspectos diretamente de quem os vivencia.

Encontrar um grupo e linha de pesquisa com os quais é possível dialogar foi uma grata surpresa em minha trajetória, os caminhos metodológicos desta pesquisa e de minha caminhada enquanto pesquisadora se mostraram importantíssimos para a construção dos resultados e da minha formação. Compreender que o caminhar e fazer juntos tem um poder e um significado maior faz parte de uma construção agora pessoal e não somente profissional, caminhar e construir em conjunto com os colegas, professores e idosas do grupo me mostrou a importância do estar e ser em conjunto.

Neste caminho, trilhado por pessoas e com pessoas pude alcançar os objetivos almejados no início dos estudos e responder a minha questão de pesquisa, ainda melhor que isso pude aprender e compreender as práticas sociais e os processos educativos por outras perspectivas, assim como a convivência e a construção do processo de envelhecimento e seus enfrentamentos pelas idosas do grupo. Estar com elas me proporcionou grandes aprendizados sobre e para a vida pessoal e profissional. Fazer parte da pesquisa, estar junto com elas e fazer parte do grupo me mostraram muito mais do que poderia imaginar no início desta experiência de pesquisar um grupo, com o grupo.

Estudar grupos distintos e que são considerados marginalizados se faz importante para podermos identificar formas de assegurar a existência de espaço para que a sua participação social possa acontecer. A construção e manutenção de redes de apoio são importantes para aspectos de vida da população como um todo, colocar em prática as legislações já existentes é emergencial para que existam em número e como possibilidade para toda a população.

Fazer parte de um grupo de pesquisa na área da educação tendo saído da área biológica e da saúde se fez como um desafio para mim, foi necessário uma desconstrução do saber para compreender aspectos mais profundos e por outras perspectivas do que estava acostumada, habituada a fazer, ponto importante e digo que foi neste momento que minha construção pessoal como pesquisadora tomou realmente relevância para mim pessoalmente e para conseguir compreender os caminhos que almejava alcançar. Poder compreender que a saúde é muito mais do que a ausência de doenças não é algo tão simples quanto pode parecer e o que os discursos muitas vezes nos indicam, foi necessário para mim que sáísse da área onde os aspectos da saúde são vistos com grande importância e frequência para tentar

construir um novo olhar sobre os aspectos sociais e de vida que influenciam nos fatores de saúde das pessoas.

Será um exercício constante em minha trajetória de vida a partir de agora, olhar para os aspectos de saúde sem categorizar em caixinhas separadas a saúde, as questões sociais, psicológicas e de vida, por exemplo. Compreender que a educação faz parte destes aspectos, que o ensinar e aprender, o conviver, construir junto, estar junto, auxiliam não só nas relações sociais, mas também na manutenção e prevenção de problemas de saúde posso dizer que foi o meu maior aprendizado nestes dois anos de estudo e vivências. Quem sabe um dia conseguiremos formar alunos da área da saúde que consigam realmente perceber e compreender a saúde com algo complexo e não raso baseados apenas na relação saúde-doença, sem que seja preciso sair das suas áreas de formação, mas enquanto isso deixo aqui a minha contribuição para a construção desta visão e entendimento de que a saúde é realmente tudo o que vivemos, ou que tudo o que vivemos faz parte da nossa saúde.

Unir a educação, o envelhecimento, o apoio social e os processos educativos em um único trabalho me parecia um tanto difícil inicialmente, agora ao final desta caminhada percebo que tudo isso trabalha em conjunto, nada está separado em nossa trajetória de vida, uma parte complementa a outra e de forma muito natural. Me mostra a importância de podermos enxergar as áreas para além das suas nomenclaturas, realmente compreender que todas trabalham em conjunto, se complementam e assim nos completam.

Frente aos resultados e discussões deste trabalho indica-se a construção de novas pesquisas na área da educação em conjunto com a do envelhecimento, novos estudos se fazem importantes para construção e complementação dos dados aqui obtidos. Com a temática do envelhecimento em expansão, trabalhos nas mais diversas áreas se fazem importantes para podermos contribuir com questões relacionadas ao processo de envelhecimento.

7. REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, A. M. C., et. al.. Rede Social de Apoio no Brasil: Grupos e Linhas de Pesquisa. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis. Abr-Jun; 20(2): 241-6, 2011.

ARANHA, V. C. Aspectos psicológicos do envelhecimento. In__: Papaléo Netto M. **Tratado de gerontologia**. São Paulo: Atheneu; 2007. p. 255-265.

ARAÚJO, F. L. Representações Sociais da Velhice entre Idosos que Participam de Grupos de Convivência. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2005, 25 (1), 118-131.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENEDETTI, T. R. B. et. al. Condições de saúde e nível de atividade física em idosos colaboradores e não colaboradores de grupos de convivência de Florianópolis. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(8):2087-2093, 2012

BRANDÃO, C.R. Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida. In:__. **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Repensando a Pesquisa Participante**. 3ª. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. A pesquisa participante e a partilha do saber: Uma introdução. In__: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa Participante: O saber da partilha**. 2ª ed. Aparecida, SP. Ideias e Letras, 2006.

BRASIL. Lei 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras Providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 5 jan. 1994.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradução de Maria João Alvarez, Sra Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto – Portugal: Porto Editora, 1994

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz 1979. V. 1

CANESQUI, A. M;BARSAGLINI, R. A. Apoio social e saúde: pontos de vista das ciências sociais e humanas. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(5):1103-1114, 2012.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/>. Acessado em Novembro de 2014

CASSELL, E. J. An epidemiological perspective of psychosocial factors in disease etiology. **Am. J. Med.**, v. 64, p.1040-3, 1974

CASTTELS, M. **La Era de La Información**. Economía, sociedad y cultura. Madrid: Alianza Editorial; 1997.

COMBINATO, D. S. et al “ ‘Grupos de conversa’: saúde da pessoa idosa na estratégia saúde da família. **Psicologia & Sociedade**; 22 (3): 558-568, 2010.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In___: BARROS, M. M. L. **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____. A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: EDUSP, 1999.

DUSSEL, H. **Filosofia da libertação na América Latina**. 2. Ed. São Paulo: Loyola/UNIMEP, s/d (original em espanhol: *Filosofia de la liberación*. México: Edicol, 1977).

DUSSEL, H. **Filosofia de la liberación**. 4ª. Ed. Bogotá: Nueva América. 1996.

FERREIRA, O. G. L. et al. Significados atribuídos ao envelhecimento. **Psico-USF**, v. 15, n. 3, p. 357-364, set./dez. 2010

FERREIRA; A. J. Investindo na educação para um envelhecimento com qualidade de vida In___: FERREIRA, A.J. et. al. (Orgs). **Educação & envelhecimento**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2012. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/educacaoeenvelhecimento.pdf>.

FERREIRA; A. J; SILVA; R. F. D. Uma leitura da educação e do ensino. In___: FERREIRA, A.J. et. al. (Orgs). **Educação & envelhecimento**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2012. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/educacaoeenvelhecimento.pdf>.

FIORI, E. M. Conscientização e Educação. In___: BRASIL. Ministério da Saúde. II **Caderno de educação popular em saúde**. Brasil: Ministério da Saúde, 2014, p 55-72.

FRASER, M. T. D. et. al. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 2004, 14 (28), 139.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 56. Ed. rev. e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47. Ed – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. Criando Métodos de Pesquisa Alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In____: BRANDÃO, C. R. **Pesquisa Participante**. 7ª. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 1988.

GONÇALVES, T. R. Apoio social e saúde: contribuições das ciências sociais e humanas às intervenções em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(5):1115-1124, 2012.

_____. Avaliação de apoio social em estudos brasileiros: aspectos conceituais e instrumentos. **Ciência & Saúde Coletiva**, 16(3):1755-1769, 2011.

GOULART, D.; FERREIRA, A.J. Aprendizagem digital de idosos: um novo desafio. In____: **Educação & envelhecimento** [recurso eletrônico] / org. Anderson Jackle Ferreira ... [et al.] – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : EdiPUCRS, 2012

GUERRA; A. C. L. C.; CALDAS; C. P. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciênc. saúde coletiva** vol.15 no.6 Rio de Janeiro Sept. 2010.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: http://www.censo2000.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=12#topo_piramide. Acessado em : Novembro de 2014.

JUNQUEIRA, R.A.; ROCHA, T.S.J.A complexa convivência humana e os processos educativos libertadores. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 11, n. 29, p. 254-278, jan./mar. 2013.

LACERDA, A; VALLA, V. Homeopatia e apoio social: repensando as práticas de integralidade na atenção e no cuidado à saúde. Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde. Rio de Janeiro, IMS ABRASCO, p. 169-196. 2003.

MAFRA, S. C. T. et. al. O envelhecimento nas diferentes regiões do Brasil: uma discussão a partir do censo demográfico 2010. Trabalho apresentado ao VI Workshop de Análise Ergonômica do Trabalho III Encontro Mineiro de Estudos em Ergonomia III Simpósio do Programa Tutorial em Economia Doméstica. **Anais**. Viçosa, 2013

MARTIN, D. Uma contribuição antropológica sobre apoio social. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(5):1115-1124, 2012.

MENDES, M. R. S. S. B. et al. A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta Paulista de Enfermagem**, 18(4), 422-426, 2005.

MENEZES; T. M. O. et. al. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. **Rev. Eletr. Enf.** 11(3):598-604, 2009.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposições ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.** Rio de Janeiro. 9 (3): 239-262. Jul-set. 1993.

MOTA, F. R. N., et. al.. Família e redes sociais de apoio para o atendimento das demandas de saúde do idoso. **Esc Anna Nery (impr.)**. out-dez; 14 (4):833-838, 2010.

MOTTA; A. B. Visão antropológica do envelhecimento. In___: VIANA DE FREITAS et al. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2ªed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan;. p. 78-82, 2006.

OLIVEIRA, M.W., et al. Processos educativos em práticas sociais: Reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais In___: OLIVEIRA, M.W.; SOUSA, F.R. **Processos Educativos em Práticas Sociais: Pesquisas em Educação** 1 ed. São Carlos, Edufscar. 2009.

OLIVEIRA, M.W. de.; GONÇALVES e SILVA, P.B. Leituras de artigo de Fiori, com a intenção de despertar outras leituras. In___: BRASIL. Ministério da Saúde. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasil: Ministério da Saúde, p. 49-54, 2014.

PATROCÍNIO, W. P. Descrição e análise dos efeitos de um programa de educação popular em saúde dirigido a idosos comunitários – Campinas: UNICAMP, 2011. 134 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

PIGNATTI, M. G., et. al.. Envelhecimento e rede de apoio social em território rural do Pantanal matogrossense. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 21 [4]: 1469-1491, 2011.

QUEIROZ, D. T. et. al. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: Conceitos e Aplicações na Área da Saúde. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, abr/jun; 15(2):276-83, 2007.

RESENDE, M. C., et. al. Envelhecer atuando o bem estar subjetivo, apoio social e resiliência em colaboradores de grupo de teatro. Fractal: **Revista de Psicologia**, v. 22 – n. 3, p. 591-608, Set./Dez. 2010.

RESENDE, M. C.; RABELO, D. F. Envelhecer com deficiência física: experiência com grupos educativos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, [S.l.], v. 6, p. 41-51, 2004.

RIBEIRO JUNIOR, D.. **Criação audiovisual na convivência dialógica em um grupo de dança de rua como processo de educação humanizadora** – São Carlos : UFSCar, 2009. 144 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

SANTOS, P. M. **Lazer e Grupos de Convivência para Idosos: Um estudo sobre a participação de homens em Florianópolis (SC)** – Florianópolis: UFSC. 2015. 214 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SILVA, M. O. Z. Reconstruindo um processo participativo na produção de conhecimento: uma concepção e uma prática. In___: BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. R. **Pesquisa Participante: O saber da partilha**. 2ª ed. Aparecida, SP. Ideias e Letras, 2006.

SOUSA, A. I., et. al. Apoio social entre idosas de uma localidade de baixa renda no Município do Rio de Janeiro. **Acta Paul Enferm**, 2010.

SOUZA, E. R., et. al. O idoso sob o olhar do outro. In___: Minayo MCS, Coimbra Jr. CEA, organizadores. **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2002. p. 191-209.

STRAWBRIDGE, W. et. al.. Successful aging and well-being: Self-rated compared with Rowe and Kahn. **The Gerontologist**, 42(6), 727-733, 2002.

TEIXEIRA, I. N. D. O; NERI, A. L. Envelhecimento bem-sucedido: uma meta no curso da vida. **Psicol. USP** v.19 n.1 São Paulo mar. 2008

VALLA, V. V. Educação Popular, Saúde Comunitária e Apoio Social. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 15(Sup. 2):7-14, 1999.

_____. Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. **Interface _ Comunicação, Saúde, Educação**, v.4 , n.7, p.37-56, 2000.

APÊNDICE A
ROTEIRO SEMI-ESTRUTURADO PARA ENTREVISTAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data:

Nome: _____

- 1) Qual o significado deste grupo para o senhor (a)?
- 2) Quais sentimentos a participação neste grupo despertam no senhor (a)?
- 3) Quais os benefícios o senhor (a) identifica ao participar deste grupo?
- 4) Como o senhor (a) identifica o processo de ensino-aprendizagem?
- 5) Qual a relação de apoio o senhor (a) percebe ao participar deste grupo?
- 6) O que significa ser velho/idoso para o senhor (a)?
O que o senhor (a) entende por velhice e o envelhecer?

APÊNDICE B**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
ALUNOS****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Nome: _____

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa intitulada “Grupos de Atividades para a Terceira Idade: novas perspectivas entre práticas sociais e processos educativos”, que será realizada por mim, Ana Paula Ferreira Fidélis, como parte dos estudos do curso de Mestrado em Educação em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação da Prof^a. Dra. Maria Waldenez de Oliveira. O projeto de pesquisa visa compreender os processos educativos desencadeados na prática social de participação em um grupo de atividades para idosos na cidade de São Carlos – SP, bem como seus desdobramentos. Também visa compreender o significado da velhice, do envelhecer e de ser idoso a partir das vivências e falas dos participantes.

Você foi selecionado para participar dessa pesquisa porque atende aos seguintes critérios de seleção: É idoso/a e participante do grupo de atividades realizado no salão da paróquia Santo Antônio, na cidade de São Carlos.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir e retirar o seu consentimento. A recusa na participação não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com o grupo que você frequenta.

O processo de coleta de dados em que você estará envolvido será o de: Entrevistas, as quais serão gravadas em áudio e vídeo, redigidas e analisadas posteriormente, serão combinadas com antecedência, podendo ocorrer por mais de um encontro com este objetivo e estimasse que a sua duração seja de 1 (uma) ou 2 (duas) horas em média. A partir de observações serão feitas anotações em diário de campo sobre aspectos que a pesquisadora considerar relevante para o enriquecimento e desenvolvimento desta pesquisa.

Quanto ao sigilo da pesquisa, nenhuma outra pessoa além da pesquisadora poderá conhecer qualquer informação sobre você como participante da pesquisa sem sua autorização. As gravações e informações podem ser usadas para a avaliação da pesquisa, e os membros do Comitê de Ética podem revisá-las. Você terá o direito de acesso a seus dados a qualquer momento. Pretendemos arquivar esses dados em um banco de dados protegido sob responsabilidade da pesquisadora para que possam ser utilizados em outras pesquisas que sejam registradas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP). Para utilização destes dados em uma nova pesquisa você receberá um novo TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, trazendo todos os detalhes da pesquisa e havendo concordância de sua parte com todos os termos, novamente sua assinatura no documento citado se faz necessária, assim como sua autorização para utilização destes dados. Caso você queira que os dados coletados sejam destruídos ao final da pesquisa, a pesquisadora tratará de cumprir essa ação.

Esclareço ainda que todo material coletado será utilizado única e exclusivamente para fins dessa pesquisa. As identidades pessoais dos participantes dessa pesquisa serão mantidas em sigilo, não sendo reveladas em momento algum, inclusive, nos documentos de divulgação dos resultados da pesquisa.

Benefícios: O estudo implica em benefícios aos participantes e demais envolvidos com a área da educação, pois busca a possibilidade de compreensões sobre práticas sociais e processos educativos desencadeados em um Grupo de Atividades para Idosos. As entrevistas gravadas serão individuais para que os participantes do grupo se sintam mais à vontade no desenvolvimento do diálogo. Caso você prefira, as entrevistas poderão ser grupais, ou seja, a participação de outras pessoas na entrevista será à sua escolha.

Riscos: Os riscos que envolvem a realização de gravações em áudio se caracterizam pelo incômodo e constrangimento. Além disso, você também poderá se sentir tenso e vigiado. Para que você, idoso/a, não se sinta vigiado ou incomodado com a presença de câmeras e gravadores, procuraremos instalar e operar os equipamentos de modo discreto. Caso haja algum tipo de perturbação de o seu relacionamento com seus os pares ou o coloque em situação de constrangimento, a pesquisa ou alguns dos procedimentos metodológicos serão interrompidos. Isso inclui até mesmo desligar os equipamentos e apagar gravações já realizadas. Também assumimos o compromisso de restringir acesso aos dados de pesquisa.

Acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir para ampliar a visão que temos hoje com relação a esse tema e fomentar novas reflexões a respeito de diferentes processos de ensino e de aprendizagem em um Grupo de Atividades para Terceira Idade. Os resultados da pesquisa poderão tornar-se públicos por meio de dissertação (produto final da pesquisa), artigos científicos divulgados em congressos, encontros, simpósios e revistas especializadas.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço de e-mail da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e participação, agora ou a qualquer momento.

Ana Paula Ferreira Fidélis

Mestranda em Educação – UFSCar

Rua Otto Werner Rosel, 1111 -casa 244 – Jd. Ipanema – São Carlos/SP

Telefone: (16) 98815-5374 /E-mail: anapaulaffidelix@gmail.com

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo comitê de ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565 – São Carlos – Brasil Telefone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumano@power.ufscar.br

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e concordo em participar.

São Carlos, _____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

APÊNDICE C**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE
PROFESSORES****UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Nome: _____

Você está sendo convidado/a para participar da pesquisa intitulada “Grupos de Atividades para a Terceira Idade: novas perspectivas entre práticas sociais e processos educativos”, que será realizada por mim, Ana Paula Ferreira Fidélis, como parte dos estudos do curso de Mestrado em Educação em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação da Prof^a. Dra. Maria Waldenez de Oliveira. O projeto de pesquisa visa compreender os processos educativos desencadeados na prática social de participação em um grupo de atividades para idosos na cidade de São Carlos – SP, bem como seus desdobramentos. Também visa compreender o significado da velhice, do envelhecer e de ser idoso a partir das vivências e falas dos participantes.

Você foi selecionado para participar dessa pesquisa porque atende aos seguintes critérios de seleção: É professor do grupo de atividades realizado no salão da paróquia Santo Antônio, na cidade de São Carlos.

Sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você poderá desistir e retirar o seu consentimento. A recusa na participação não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com o grupo que você frequenta.

O processo de coleta de dados em que você estará envolvido será o de: a partir de observações serão feitas anotações em diário de campo sobre aspectos que a pesquisadora considerar relevante para o enriquecimento e desenvolvimento desta pesquisa. Serão utilizados também registros de gravação em áudio, vídeo e fotográficos durante os encontros semanais e individuais, caso ocorram.

Quanto ao sigilo da pesquisa, nenhuma outra pessoa além da pesquisadora poderá conhecer qualquer informação sobre você como participante da pesquisa sem sua autorização. As gravações e informações podem ser usadas para a avaliação da pesquisa, e os membros do Comitê de Ética podem revisá-las. Você terá o direito de acesso a seus dados a qualquer momento. Pretendemos arquivar esses dados em um banco de dados protegido sob responsabilidade da pesquisadora para que possam ser utilizados em outras pesquisas que sejam registradas no Comitê de Ética em Pesquisa (COEP). Para utilização destes dados em uma nova pesquisa você receberá um novo TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, trazendo todos os detalhes da pesquisa e havendo concordância de sua parte com todos os termos, novamente sua assinatura no documento citado se faz necessária, assim como sua autorização para utilização destes dados. Caso você queira que os dados coletados sejam destruídos ao final da pesquisa, a pesquisadora tratará de cumprir essa ação.

Esclareço ainda que todo material coletado será utilizado única e exclusivamente para fins dessa pesquisa. As identidades pessoais dos participantes dessa pesquisa serão mantidas em

sigilo, não sendo reveladas em momento algum, inclusive, nos documentos de divulgação dos resultados da pesquisa.

Benefícios: O estudo implica em benefícios aos participantes e demais envolvidos com a área da educação, pois busca a possibilidade de compreensões sobre práticas sociais e processos educativos desencadeados em um Grupo de Atividades para Idosos

Riscos: Os riscos que envolvem a realização de gravações em áudio e vídeo, caso ocorram, se caracterizam pelo incômodo e constrangimento. Além disso, você também poderá se sentir tenso e vigiado. Para que você, professor/a, não se sinta vigiado ou incomodado com as observações, ou mesmo, com a presença de câmeras e gravadores, procurarei realizar as observações, como também, instalar e operar os equipamentos de modo discreto. Caso haja algum tipo de perturbação de o seu relacionamento com seus os pares ou o coloque em situação de constrangimento, a pesquisa ou alguns dos procedimentos metodológicos serão interrompidos. Isso inclui até mesmo desligar os equipamentos e apagar gravações já realizadas. Também assumimos o compromisso de restringir acesso aos dados de pesquisa.

Acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir para ampliar a visão que temos hoje com relação a esse tema e fomentar novas reflexões a respeito de diferentes processos de ensino e de aprendizagem em um Grupo de Atividades para Terceira Idade. Os resultados da pesquisa poderão tornar-se públicos por meio de dissertação (produto final da pesquisa), artigos científicos divulgados em congressos, encontros, simpósios e revistas especializadas.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço de e-mail da pesquisadora, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e participação, agora ou a qualquer momento.

Ana Paula Ferreira Fidélis
Mestranda em Educação – UFSCar
Rua Otto Werner Rosel, 1111 -casa 244 – Jd. Ipanema – São Carlos/SP
Telefone: (16) 98815-5374 /E-mail: anapaulaffidelix@gmail.com

A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo comitê de ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km 235 – Caixa Postal 676 – CEP 13.565 – São Carlos – Brasil Telefone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumano@power.ufscar.br

Eu, _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação e concordo em participar.

São Carlos, ____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

ANEXO I

PARECER COMITÊ ÉTICA UFSCar

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Grupos de Atividades para Terceira Idade: Novas perspectivas entre práticas sociais e processos educativos.

Pesquisador: Ana Paula Ferreira Fidélis

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 42626115.9.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.015.754

Data da Relatoria: 14/04/2015

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa tem por objetivo geral investigar a relação entre as práticas sociais existentes nos grupos de atividade para a terceira idade e os processos educativos desenvolvidos nestes. Serão realizadas entrevistas com roteiro semi-estruturado a partir do contato com idosos e professores participantes de um grupo de atividades para idosos, assim como anotações em diários de campo sobre as observações realizadas, gravação de áudio e fotos para posterior análise.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Identificar os processos educativos desencadeados entre pessoas a partir de uma prática social dentro de um grupo de atividades para idosos que se encontram semanalmente.

Objetivo Secundário: Desvelar o significado, para os idosos, da prática social identificada dentro do grupo de atividades.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora, os riscos e benefícios são descritos conforme segue.

Riscos: Os riscos que envolvem a realização de gravações em áudio se caracterizam pelo incômodo

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 1.015.754

e constrangimento. Além disso, você também poderá se sentir tenso e vigiado. Para que você, idoso/a, não se sinta vigiado ou incomodado com a presença de câmeras e gravadores, procuraremos instalar e operar os equipamentos de modo discreto. Caso haja algum tipo de perturbação de o seu relacionamento com seus os pares ou o coloque em situação de constrangimento, a pesquisa ou alguns dos procedimentos metodológicos serão interrompidos. Isso inclui até mesmo desligar os equipamentos e apagar gravações já realizadas. Também assumimos o compromisso de restringir acesso aos dados de pesquisa.

Benefícios: O estudo implica em benefícios aos participantes e demais envolvidos com a área da educação, pois busca a possibilidade de compreensões sobre práticas sociais e processos educativos desencadeados em um Grupo de Atividades para Idosos. As entrevistas gravadas serão individuais para que os participantes do grupo se sintam mais a vontade no desenvolvimento do diálogo. Caso você prefira, as entrevistas poderão ser grupais, ou seja, a participação de outras pessoas na entrevista será à sua escolha.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante para a área que se destina e, além disso, os seguintes documentos foram apresentados.

- a) Folha de rosto assinada e preenchida corretamente;
- b) Arquivo contendo projeto de mestrado;
- c) O roteiro da entrevista consta no projeto como Anexo 2;
- d) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para idosos participantes do grupo de atividades realizado no salão da paróquia Santo Antônio, na cidade de São Carlos;
- e) Documento assinado pela Sra. Nilva Helena Rodolfo Rodrigues, Professora responsável pelo grupo, declarando concordar com a realização da pesquisa;
- f) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para professores do grupo de atividades realizado no salão da paróquia Santo Antônio, na cidade de São Carlos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE para os idosos participantes está adequado, enquanto que o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE para professor(es), no trecho que trata dos riscos, precisa ser redigido observando os riscos oferecidos pela pesquisa ao(s) PROFESSOR(ES).

Endereço: WASHINGTON LUJIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 E-mail: cephumanos@ufscar.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SÃO CARLOS/UFSCAR



Continuação do Parecer: 1.015.754

Recomendações:

Recomendamos rever a redação do TCLE para professor(es) no trecho que trata dos riscos oferecidos pela participação na pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há inadequações ou pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SAO CARLOS, 08 de Abril de 2015

Assinado por:
Ricardo Carneiro Borra
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
UF: SP Município: SÃO CARLOS
Telefone: (16)3351-9683 E-mail: cephumanos@ufscar.br